

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)
autor(a), o texto completo desta tese
será disponibilizado somente a partir
de 29/11/2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE RIO CLARO
INSTITUTO DE GEOGRAFIA E CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DA FESTA AO TERRITÓRIO: O RODEIO NO ESTADO DE SÃO PAULO E SUA MERCANTILIZAÇÃO

Cesar Gomes da Silva

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos à obtenção do título de Doutor em Geografia.

Área de Concentração: Organização do Espaço.

Linha de Pesquisa: Espaço, Cultura e Sociedade.

Orientação: Prof. Dr. José Gilberto de Souza.

RIO CLARO
2016

910.1 Silva, Cesar Gomes da
S586d Da festa ao território : o rodeio no estado de São Paulo e sua mercantilização / Cesar Gomes da Silva. - Rio Claro, 2016
352 f. : il., gráfs., tabs., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: José Gilberto de Souza

1. Geografia humana. 2. Brasil. 3. Estados Unidos da América. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

CESAR GOMES DA SILVA

DA FESTA AO TERRITÓRIO: O RODEIO NO ESTADO DE SÃO PAULO E SUA MERCANTILIZAÇÃO

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos à obtenção do título de Doutor em Geografia.

COMISSÃO EXAMINADORA

01. Prof. Dr. José Gilberto de Souza (IGCE-Unesp Rio Claro – SP) – orientador.
02. Prof. Dr. Jairo Gonçalves Melo (FCT-Unesp C. P. Prudente - SP)
03. Profa. Dra. Bernadete A. C. Castro (IGCE-Unesp Rio Claro – SP).
04. Profa. Dra. Natália Freire Bellentani (UFSCar São Carlos - SP).
05. Prof(a). Dr(a). Ana Claudia Giannini Borges (IGCE- Unesp Rio Claro – SP).

À Patrícia, esposa fiel e amiga, a meus filhos, razão da minha vida e de toda luta para meu crescimento profissional e pessoal, e a todos que compartilharam de minhas angústias, regozijos, e acreditaram na concretização deste projeto e sonho.

AGRADECIMENTOS

No período de elaboração de um trabalho como este, inúmeras são as pessoas com quem entramos em contato e que, de maneiras distintas, nos aproximamos. Por vezes, acabamos por torná-las próximas às nossas relações de convivência. Além das pessoas, diversos também são os lugares que visitamos tanto na busca de fontes tão dispersas para formalizar e compreender nosso objeto de pesquisa, quanto para observar e registrar seu movimento. Assim, com receio de esquecer a contribuição de cada uma das pessoas que foram tão caras à realização deste trabalho cito, nominalmente, apenas aquelas que tiveram relação direta com a pesquisa e com meu retorno ao doutoramento.

Deste modo, agradeço ao **prof. Dr. José Gilberto de Souza** que aceitou o desafio e o risco da orientação. Embora, por muitas vezes, distantes fisicamente, a densidade técnica do espaço e a atualidade do meio técnico científico informacional nos aproximava permitindo que o silêncio fosse quebrado. Como pessoa e profissional, sua postura sempre foi a de abertura ao diálogo e ao convívio ao mesmo tempo em que não permitia que essas práticas e ações cotidianas interferissem em sua postura como orientador firme, leitor nevrálgico e provocador da crítica aos discursos e ao instituído.

Também, de maneira semelhante, torno público meu agradecimento e admiração ao **prof. Dr. Jayro Gonçalves Melo** que, mesmo tendo sido orientador do mestrado, suas idéias sempre estiveram presentes em minhas reflexões, pois, tornou-se amigo e interlocutor. Sua crítica aos discursos e a leitura dialética do cotidiano se fizeram presentes e constantes em nossos encontros. Além disso, nossos diálogos encorajaram-me a retomar ao doutorado, agradecimento esse que se estende igualmente ao prof. Dr. José Gilberto de Souza.

Às docentes e pesquisadoras prof^{as}. Dras. **Ana Cláudia Gianinni Borges** e **Bernardete Aparecida Caprioglio de Castro Oliveira** pela leitura atenta, críticas e sugestões ao comporem a banca para o exame de qualificação deste trabalho. Devo enfatizar que caso algumas de suas sugestões não tenham sido incorporadas ao texto não significa menosprezo ou

que as mesmas não tenham sido pertinentes. Pelo contrário. Ocorre que tanto o tempo para a redação quanto a para a realização da vida cotidiana inviabiliza maiores ousadias intelectuais. Deixo à vocês minha plena gratidão.

Ressalto, ainda, meus agradecimentos ao **corpo técnico-administrativo** tanto do **Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE)** quanto da **Faculdade de Ciência e Tecnologia (FCT)**, ambos ligados às bibliotecas e às seções técnicas dos programas de pós-graduação em Geografia oferecidos pela Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Em lugar proeminente, agradeço à **Patrícia**, minha esposa, que sempre esteve à meu lado encorajando-me nos momentos mais difíceis e partilhando sorrisos mesmo em ocasiões tristes de nossas vidas. Obrigado por sua compreensão pelas horas em que me ausentei, tanto física quanto espiritualmente. Ao carinho dispensado em meus momentos de angústia e à ajuda com as solicitações do lar e dos filhos, essenciais para que este estudo chegasse a esse ponto.

Por fim, mas, em primeiro lugar, agradeço, sobretudo a Deus, pois, sem ele, não teria chegado até aqui e muito menos conhecido todos vocês. E é para sua honra e glória que trago um pouco de cada um de vocês dentro de mim ao mesmo tempo em que levo os frutos dessas relações de convivência para minha vida, meu trabalho e minhas obras. Saibam que sem vocês esta tese não teria sido concluída.

Fecho essa parte com palavras do orientador e amigo José Gilberto de Souza, enviada a seus orientandos em dezembro de 2014, que sintetiza os sentimentos desse momento ao considerar que “apesar de nossas dificuldades, de nossos desafios, perdas profundas sempre ganhamos esclarecimentos sobre nossa trajetória no mundo e nosso papel na relação com os demais. Aprendemos sempre a amadurecer e a olhar o mundo com o sentido de humanidade e não como mercadorias, como passageiros. As pessoas permanecem em nós e nós permanecemos nos outros e temos sempre a possibilidade de decidir se permanecemos como algo bom ou como algo que não valeu a pena, como algo que o outro quer esquecer. Tenho para mim que todos vocês são processos bons e importantes em minha vida e por isso permanecem em mim, comigo”

*Eficácia, competitividade, sentido de tempo, espírito prático, achievement, performance, neutralidade afetiva, ascetismo, racionalidade e muitos outros são os valores da ideologia burguesa que aparecem nas relações que organizam tanto a produção material como a espiritual. No processo de socialização das pessoas na família, na escola, fábrica, banco, quartel ou outros lugares, esses são alguns dos valores que preparam e induzem as pessoas a harmonizar e automatizar as suas relações e atividades, da mesma forma que a crer na possibilidade do sucesso pessoal (Octavio Ianni. **Imperialismo e Cultura**).*

RESUMO

Surgido no âmbito da cultura europeia do século XVIII, foi nos Estados Unidos da América (EUA) que a concepção de negócio privado destinado a um mercado consumidor primeiramente adentrou o campo dos esportes. Diversos jogos, suscetíveis de organização e comercialização, foram regulamentados e convertidos em espetáculos esportivos em fins do século XIX. A lógica empresarial que direcionava a formação das equipes e a organização dos campeonatos foi fortalecida no século seguinte com a emergência de uma sociedade de produção e consumo massificados. Quanto ao rodeio, embora existisse como competição desde a década de 1860, somente em 1929, foi regulamentado e convertido em espetáculo esportivo com a criação da *Rodeo Association of America* (RAA). Seu formato serviu de modelo às demais organizações que a sucederam criando condições para a constituição do território do rodeio naquele país. No caso brasileiro o modelo empresarial e esportivo de rodeio, iniciado com a RAA, será adotado somente em 2001. Embora recente, a constituição do território esportivo do rodeio brasileiro é resultado de um longo processo de “americanização” de suas modalidades iniciado em fins da década de 1970 com a introdução da montaria em touros e consolidado com a territorialização da *Professional Bull Riders* (PBR), *Incorporation* em 2006. Assim, pautado no materialismo histórico-geográfico como método de abordagem, o presente trabalho procura compreender o processo que originou o território esportivo do rodeio tanto nos EUA quanto no Brasil e suas relações. Propõe, com isso, contribuir com a revisão da história e da geografia do rodeio brasileiro. Em síntese, busca demonstrar que a constituição de um território esportivo do rodeio brasileiro faz parte de um movimento mais geral de transformação do território esportivo do rodeio nos EUA, que por sua vez, é produto da difusão da indústria do entretenimento, da globalização, e reflete o desenvolvimento geográfico desigual do rodeio.

PALAVRAS-CHAVE

Território, Rodeio, Brasil, EUA, São Paulo

ABSTRACT

Born in the European culture of the eighteenth century, it was in the United States of America (USA) that the concept of private business for the consumer market first entered the sports field. Several games, capable of organization and marketing, were regulated and converted to sporting events in the late nineteenth century. The business logic that directed the formation of teams and the organization of the championships was strengthened in the next century with the emergence of a society which produces mass consumption. The rodeo, although happening since the 1860s, only in 1929, was regulated and converted to sporting spectacle with the creation of the Rodeo Association of America (RAA). Its format was a model for other new organizations creating conditions for the formation of the rodeo sport territory in that country. In relation to Brazil, the sporty model business, started with the RAA, will be adopted only in 2001. Although new, the constitution of the Brazilian rodeo territory is the result of a long process of "Americanization" of their arrangements initiated in the late 1970s with the introduction of riding bulls and consolidated with the distribution of the Professional Bull Riders (PBR), Incorporation in 2006. Thus, guided by the historical-geographical materialism as a method of approach, this paper seeks to understand the process that created the rodeo territory both in Brazil. Proposes, therefore, to contribute to the revision of history and geography of the rodeo in those countries. In short, seeks to show that the formation of a Brazilian rodeo sport territory is part of a wider movement to transform the rodeo sport territory in the U.S., which in turn is the product of the diffusion of the entertainment industry, of the globalization, and reflects the uneven geographical development of the rodeo.

KEYWORDS

Territory, Rodeo, Brazil, USA, São Paulo

PRÓLOGO:

Do Campo à Academia: a trajetória pesquisador-pesquisa-pesquisador

Desenvolver uma tese pressupõe a efetivação de um exercício intelectual realizado, na maior parte das vezes, na reclusão e no silêncio da companhia de pessoas que amamos; no distanciamento dos familiares, dos amigos, e das reuniões festivas. É resultado, também, dos deslocamentos físicos, da poeira e da solidão das estradas percorridas, muitas vezes desconhecidas. Embora seja essa, uma fase da vida marcada por períodos de isolamento e reflexões científicas, é também um momento no qual o cientista social se enfrenta, se defronta consigo mesmo, com sua trajetória de vida, com suas forças e fraquezas.

Assim, se por um lado, os anos de doutoramento, tanto na FCT quanto no IGCE, me possibilitaram avançar e amadurecer teórica e conceitualmente no âmbito da ciência geográfica, por outro, permitiram-me melhor conhecer certos aspectos de minha própria vida e, por consequência, a respeito do meu próprio ser social. Durante esse tempo, por diversas vezes me defrontei com meu passado. Um passado que, embora vivido, estava oculto pela “poeira do tempo”, esquecido nas “encruzilhadas da vida”. Deixado de lado em função dos compromissos profissionais e familiares, da racionalidade e a materialidade da vida cotidiana.

Enquanto realizava a pesquisa de campo e redigia este relatório, todo um passado que estava guardado e empoeirado por diversos anos emergiu e se fez presente em momentos de ponderação acerca de minha vida pessoal e dos caminhos por mim tomados até então. Nesse sentido, mergulhar objetivamente nos “territórios do rodeio” me fez recordar de fatos, sons, cheiros, gostos e episódios estocados em minha história de vida que se fizeram presentes em minha infância e juventude.

Mesmo ciente da relação objetiva entre pesquisador-objeto, meu ser social foi sendo constantemente questionado e, ao mesmo tempo, revisto tanto temporal quanto espacialmente. Nesse movimento pude tomar consciência de que, da mesma forma como a dialética orientava meu plano intelectual, científico e acadêmico, outras áreas de minha vida também a refletiam. Angústias e júbilos,

fracassos e êxitos, imaturidade e maturidade, receio e segurança, novas e velhas amizades constituíram os principais pares dialéticos presentes na revisão não apenas dos meus papéis sociais, mas, de toda minha trajetória de vida.

Na esteira de tensões que se expressavam, tanto interna quanto externamente, o professor, o aluno, o pesquisador, o amigo, o pai, o filho, e o marido, foram questionados e repensados intensamente de tal modo que, nesses últimos anos, senti-me semelhante a um odre que, para receber o vinho novo, deve ser primeiramente esvaziado do vinho velho.

No desenrolar desse processo, uma questão se fazia cada vez mais redundante: a previsibilidade e a imprevisibilidade da vida. Mesmo considerando que, como eu, muitos também não sabem com exatidão a razão de certos acontecimentos em suas vidas, o caminho que deverão seguir, ou mesmo onde estão ou para onde irão, reconhece que a vida tem um jeito próprio de fazer as coisas mais previsíveis não acontecerem ao mesmo tempo em que coloca as imprevisíveis em nossos caminhos e as tornam razão e sentido de nossas vidas. Desse modo, ao juntar e alinhar os diversos retalhos de minha história acadêmica aos de minha história pessoal, a vida retomava seu sentido.

Mas, porque estou dizendo isso? Em primeiro lugar porque boa parte da minha história de vida foi construída direta ou indiretamente pelo rodeio e, em segundo lugar, porque, embora os caminhos profissionais por mim tomados tenham me distanciado do rodeio, foi a pesquisa científica quem me redirecionou a ele. Assim, considero que a escolha do rodeio como objeto deste estudo desenvolveu-se a partir de dois momentos: minha história de vida e a teoria. Mais claramente, ele passou a existir primeiro no plano afetivo, ou seja, em mim e, só posteriormente, no plano científico, teórico e conceitual, haja vista o rodeio ter entrado em minha história de vida muito antes da ciência ter tomado corpo e sentido para mim.

Isso porque, entre os dois e dezessete anos de idade, residi com meus pais na zona rural do município de Clementina/SP. Durante aqueles dezesseis anos, salvo as idas à cidade para comprar mantimentos, meu universo lúdico atava-se diretamente ao trabalho e à lida diária com o gado e com os animais de trabalho na fazenda. Assim, desde a infância minhas diversões tenderam a se ligar cada vez mais ao tempo do gado, ou seja, aos períodos de apartação, manejo, vacinação, castração, cura e descorna.

Outros momentos de diversão na fazenda eram as domas de animais para o trabalho e, nas tardes de sábado, as brincadeiras no curral. As domas eram realizadas, costumeiramente, aos finais de tarde e, nelas aprendi, desde garoto sob a orientação de meu pai, a lidar com animais xucros, a como domá-los e, o mais importante, a como amá-los. Já, as brincadeiras, eram feitas por peões das fazendas vizinhas que, nas tardes de sábado, afluíam para o grande curral da propriedade onde brincavam de tourear, montar bois, ou auxiliar em nosso trabalho da doma dos animais para a lida.

Além desses, que se mostravam praticamente cotidianos, havia outros momentos extraordinários e, por isso mesmo, sempre aguardados por mim. Ocasões em que tropas e tropeiros que, de tempos em tempos, passavam pelas fazendas da região comprando, vendendo, ou trocando eqüinos e muares. De fato, esses eram momentos extraordinários, pois, ao chegarem à fazenda pediam “pouso” para suas tropas e, naquele dia, durante o fim da tarde e boa parte da noite, reunidos no grande terreiro à frente à casa em que morávamos e ao som da noite do sertão e do violão tocado por meu pai, aqueles peões contavam inúmeras estórias, histórias e *causos*. Além disso, aqueles homens eram e tinham sempre novidades de “lugares distantes” para um garoto. Suas roupas, botas, cintos e chapéus eram muito diferentes dos nossos, daqueles que eu conhecia. Suas narrativas, sempre cativantes, giravam continuamente em torno do transporte de tropas, de boiadas, e de suas idas e vindas da “distante” e “fascinante” cidade de Barretos e da grandiosidade de sua festa do peão.

De minha meninice convertia as narrativas em algo distante e colossal. Enquanto ouvia as estórias, perguntava-me: “algum dia conhecerei Barretos, a ‘cidade dos peões’?”. “Verei algum dia uma festa do peão de que tanto falam esses tropeiros?”. Ao mesmo tempo em que ouvia as histórias meus questionamentos misturavam-se à minha fantasia, à minha imaginação elaborando e reelaborando meu imaginário acerca daquele universo de narrações. Dialeticamente passado, presente e futuro se relacionavam em meus pensamentos levando-me a imaginar e projetar Barretos como uma cidade onde os peões ficavam nas calçadas; nas portas dos bares; cruzando as ruas a cavalo ou a pé; de braços cruzados encostados nas paredes dos estabelecimentos comerciais aguardando contrato de trabalho ou mesmo para serem vistos por quem naquela cidade viesse passar.

Por dez anos elaborei e reelaborei mentalmente Barretos e a festa do peão. Mas, em setembro de 1984 algumas incertezas foram dirimidas e minha história de vida tendeu a ligar-se mais íntima e objetivamente ao rodeio. Naquele ano, a Prefeitura Municipal de Clementina, juntamente com um grupo de munícipes que deram origem ao *Clube de Rodeio Sela de Prata*, realizou no estádio municipal a sua primeira festa do peão de boiadeiro – exemplo que foi seguido por boa parte das cidades da região como, Rinópolis, Braúna, Santópolis do Aguapeí, Coroados, Glicério, Gabriel Monteiro, Piacatu, Luisiânia, Penápolis, Iacri.

Recordo-me que meses antes da realização da festa a cidade foi pontilhada por cartazes que anunciavam o evento. Praticamente todos estabelecimentos comerciais, industriais ou de serviços serviram como espaços de divulgação daquele evento. Uma semana antes da festa começaram a chegar as estruturas, alguns animais, e alguns poucos peões responsáveis pela montagem das estruturas e pelo manejo dos animais. Os dias se passavam e, ao passo que a festa se aproximava, o número de peões aumentava e fazia com que a pequena cidade de três mil habitantes mudasse sua fisionomia por alguns dias. O clima de festa tomava conta da cidade. Nos três dias que antecederam à festa naquela semana, pude presenciar, pelos vidros laterais do transporte escolar, aproximadamente duzentos peões com trajes que remetiam aos *cowboys* do Oeste estadunidense distribuindo-se entre a praça central, a rua principal e os bares da cidade denunciando claramente que a cidade estava em festa.

Ainda está registrada em minha memória a tão esperada quinta-feira, dia da abertura oficial da festa do peão de boiadeiro. Eu, um garoto de doze anos, criado em meio à lida pecuária e estórias de tropeiros, contava com apenas o poder da imaginação para pensar como seria a “distante” Barretos e sua festa do peão. Em que pese todo meu esforço em construir uma imagem sobre a festa, minha imaginação ficava muito aquém daquilo que meus sentidos puderam trazer-me ao entrar, naquele dia, na festa do peão de boiadeiro.

Recordo-me que a pequena, porém densa caminhada, desde os portões de entrada do estádio municipal onde a festa aconteceu até as arquibancadas estive atônito, boquiaberto. Não conseguiria imaginar como tudo aquilo era colorido, sinestésico. Algo completamente diferente de tudo que já havia conhecido. Tudo era realmente novo, grandioso, intenso. Ainda que todos meus

sentidos estivessem a florados, ainda assim não conseguiam captar a multiplicidade e polifonia daquele lugar. Certo estranhamento tomou conta de minhas emoções e pude reconhecer que minha imaginação de menino era, ainda, muito limitada para ter pensado a concretude da festa do peão de boiadeiro como realmente era.

Todavia, foi naquele ano que tive a oportunidade de ver, pela primeira vez, peões que não eram trabalhadores de fazendas como nós, mas, que viviam dos prêmios pagos pelos rodeios e que, ao som ensurdecido de músicas sertanejas, e que à voz gutural de um locutor, montavam equinos e muare xucros de uma maneira completamente diferente da que conhecíamos. Além disso, não eram brincadeiras ou simples exposições como fazíamos nos currais aos sábados, pois, disputavam o prêmio de “melhor cavaleiro” da festa. Também não era necessário domar o animal. Bastavam apenas 8 segundos em seus lombos para serem aplaudidos pelos espectadores.

No ano seguinte, aos treze anos de idade, durante a 2ª Festa do Peão de Boiadeiro de Clementina, foi introduzida a montaria em touros. Devido à premiação para essa modalidade ser praticamente a metade da oferecida às montarias em cavalos, contou com reduzido número de peões, bem como de animais para a apresentação. Mesmo assim, a brutalidade dos saltos, a rusticidade dos animais bem como as músicas de fundo utilizadas para essas montarias provocaram meus sentidos. Dessa forma, fui atraído para essa modalidade passando a conhecer e estreitar relações de amizade com os peões que montavam em touros. Ao final de quatro dias de festa e intenso diálogo com os peões, me decidi: direcionaria minhas forças físicas e motivações pessoais para ser *cowboy* de touros.

Paralelamente à definição do “projeto de vida”, aos quatorze anos tive meu primeiro “emprego”: ser responsável pelo manejo de uma boiada de engorda na propriedade vizinha a que morávamos. Todos os dias o mesmo ritual se repetia. Às 13 horas, quando retornava da escola, almoçava, calçava as botas, colocava o chapéu, e, entre as 15 e 18 horas, selava o cavalo e percorria as pastagens para contagem do gado, verificava as condições das cercas de arame farpado e identificava se havia alguma cabeça de gado a ser curada. Embora desgastante em termos físicos, era prazeroso, uma vez que foi por meio desse trabalho que consegui os meios materiais para frequentar as várias festas de peão

que aconteciam nas cidades próximas. Além disso, essa ocupação também proporcionou recursos suficientes para a aquisição de uma “tralha” (corda americana, esporas, polacos, luva) com a qual poderia treinar todos os dias a montaria em touros.

Os animais existiam. Eram os mesmos que se encontravam sob meus cuidados diários. Era só conduzi-los ao curral, fechá-los e montá-los. Se por um lado, já possuía os equipamentos básicos e os animais para treinar, por outro, restava assimilar as técnicas da montaria. Era com esse objetivo, o de aprender a arte da montaria que, ao contrário de ir às festas para assistir as montarias das arquibancadas, frequentar as barracas, passear pelo parque ou brincar, dirigia-me às “querências” ¹, ou melhor, ao fundo dos bretes². Naquele espaço, por meio da observação e diálogo assimilei as técnicas básicas e necessárias para iniciar minha “trajetória como peão de touros”.

Após dois anos pude experimentar e demonstrar o que havia aprendido: aos dezesseis anos estava montando em touros como *cowboy* amador na Festa do Peão de Boiadeiro de Iacri/SP. A partir dessa festa, outras vieram: Água Limpa, Araçatuba/SP, Piacatu/SP; Braúna/SP; Glicério/SP; Rinópolis/SP; Parapuã/SP. Mas, os estudos não deveriam ser esquecidos e o rodeio “atrapalhava” a concretização do Ensino Médio. Em outros termos, era necessário priorizar e concluir os estudos em detrimento da “profissão” de peão de rodeio.

Em 1989, minha família mudou-se para a cidade. Vida urbana. Nesse novo ambiente tornou-se imprescindível um emprego que rendesse salário fixo para auxiliar nas despesas mensais. Solução: empregar-me como “fiscal de corte-de-cana” na destilaria do município. Por ser um trabalho que concedia apenas o domingo de folga, tornou-se impossível continuar a treinar ou mesmo montar. Além disso, o elevado índice de contusões daquela modalidade também me induziu a abandonar o rodeio, mesmo porque, os acidentes não relacionados ao trabalho não eram “bem vistos” pela empresa e a manutenção do emprego era fundamental. Assim, entre os dezoito e dezenove anos, respondi por diferentes turmas de cortadores de cana. Mesmo lidando com o meio agrícola, não me desfiz

¹ Área entre os currais ao fundo da arena na qual os peões arrumam seus equipamentos de trabalho. Também serve como vestiário e espaço de orações.

² Boxe onde o cavalo e o touro são fechados e preparados antes de serem montados e sair para a arena.

de meu *habitus* que vinha sendo construído. Nos “talhões”, durante o corte ou mesmo no arranque de pragas, continuava a ser chamado de *cowboy* pelos trabalhadores rurais.

Buscando melhorar de emprego e renda em 1992, por concurso público, ingressei na função de Oficial de Escola (Escola Estadual de Clementina). As condições de horário e salários desse novo trabalho garantiram-me as condições para continuar os estudos. Em 1994 ingressei na Faculdade de História mantida, na época, pelo Instituto Toledo de Ensino de Araçatuba/SP, concluindo o curso em 1997. Durante esse período um profundo distanciamento físico entre mim e o rodeio ocorreu. Não que eu deixasse de frequentar as festas de peão. Pelo contrário. Mas, não havia tempo e eu já não era mais o mesmo de outrora que pretendia unicamente ser peão de touros. Em outros termos, as coisas haviam mudado.

Esse distanciamento perdurou até aproximadamente 2001 quando ingressei no mestrado em Geografia, FCT/UNESP, Presidente Prudente. A partir de então, o contato com aquele mundo foi aos poucos retomado. Não a relação direta, mas, indireta, dada por meio do contato com pesquisas e trabalhos científicos que, embora não tivessem uma preocupação maior com o aprofundamento acerca desses eventos, buscavam analisá-los cientificamente. Tendo vivido e conhecido de dentro para fora esse universo, no qual me sentia um “nativo”, aos poucos fui sendo provocado, instigado e atraído pelo tema.

A questão latente e que importunava meus pensamentos baseava-se na relação entre senso comum e pensamento científico. O conhecimento vulgar que possuía desses eventos chocava-se com as análises e conclusões da parca produção científica que tomava o rodeio como objeto. Consequentemente, já fazendo parte de minha vida social, o rodeio adentrou, gradativamente, no universo de minhas preocupações como pesquisador. Gradualmente meu interesse ampliou-se a ponto de tentar compreender as representações que os sujeitos sociais ligados diretamente ao rodeio possuíam acerca daquele fenômeno.

Como se pode observar, o interesse pelo rodeio não surgiu, primeiramente, da necessidade científica. Antes mesmo de formalizá-lo concretamente como objeto de estudo, ele era para mim o lugar do afeto, da alegria, da amizade, do companheirismo, da festa, da música, das disputas, da

memória de um tempo que só me trazia saudades. Quando decidi compreender formalmente o rodeio, preocupei-me se, com essa reflexão científica, de mim fosse retirado o encanto, a magia, os sonhos e rompesse essa poesia, escrita pelo verde das pastagens, e declamada nos risos dos peões e nos aboios de meu pai ao gado que tangia, enquanto eu, menino de calça curtas, os admirava do alto do curral ou da janela da casa onde morávamos.

Pesquisar e escrever sobre o rodeio é, em parte, relembrar um passado que não é apenas meu, mas de muitos que compartilharam comigo a experiência de ter nascido e vivido em fazendas de pecuária do Brasil Central, principalmente, aquelas do interior do estado de São Paulo³, pois, foi nessa região que o rodeio moderno, em especial, o de touros e o cutiano, se desenvolveu, espacializou e se territorializou por boa parte do Brasil. Portanto, reconstruir-se pela saudade não é apenas lembrar-se de um tempo distante que já passou, mas, é poder dar sentido a um presente a partir de elementos estocados no passado, resultado de nossas experiências. Em outros termos, fazer ciência é, também, realizar-se enquanto homem.

³ Dentre vários companheiros de lida, devo mencionar dois amigos que, mesmo tendo seguido caminhos distintos, partilharam comigo direta e no mesmo tempo e espaço essa experiência: os atuais *cowboys* de touros Erasmo de Jesus e Jéferson Mota que ainda montam e conquistam suas vitórias tanto nas arenas quanto na vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1.1.	Festa do peão de boiadeiro e rodeio: distinções necessárias	20
1.2.	Espaço, Território e Territorialidade	26
1.3.	A espacialidade do fenômeno e suas interpretações.....	33
1.4.	Objetivos	50
1.5.	Metodologia	51
1.6.	A organização dos capítulos	60
CAPÍTULO I	“ERA UMA VEZ NO OESTE”: DAS PRÁTICAS RURAIS AO TERRITÓRIO DO RODEIO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA	63
1.1.	Das <i>fiestas</i> ao esporte: territórios e territorialidades do rodeio	63
1.1.1.	E era uma vez no México: espaço e território da <i>fiesta</i> hispano-americana.....	65
1.1.2.	A marcha para o Oeste e a mitificação do <i>cowboy</i>	71
1.1.3.	O <i>wild west show</i> e a consolidação da base do rodeio nos EUA.	85
1.2.	O território esportivo nos EUA e sua relação com o rodeio ..	90
1.2.1.	Gênese e consolidação do território esportivo nos EUA	91
1.2.2.	A constituição e as metamorfoses do território do rodeio nos EUA	102
1.3	A internacionalização do rodeio	118
CAPÍTULO II	SOBRE TROPAS, BOIADAS, CIRCOS-TOURADA E EXPOSIÇÕES AGROPECUÁRIAS: PRÁTICAS SÓCIO-ESPACIAIS NA BASE DO RODEIO DO BRASIL CENTRAL PECUÁRIO	123
2.1.	Os antecedentes: em busca de outra narrativa que não a oficial..	129

2.2.	Estradas, Gado e Sociabilidade Pastoril: o substrato (i)material da festa do peão e do rodeio do BCP	134
2.3.	De cidade em cidade: os circos-tourada e a difusão de novas práticas culturais	155
2.4.	A Feira e Exposição de Gado: a reafirmação da centralidade de Barretos na cultura pastoril da região, ou a celebração de uma época.....	153
CAPÍTULO III	LOCALISMO, LUDICIDADE E AMADORISMO: A PRIMEIRA FASE DO RODEIO DO BRASIL CENTRAL PECUÁRIO (1950-1970)	162
3.1.	Quem fazia o rodeio era o povo da cidade!	163
3.2.	Quem fazia os rodeios eram os fazendeiros que se sentiam satisfeitos simplesmente por realizar o rodeio.	172
3.3.	E tudo era amadorzão mesmo! E as coisas iam acontecendo!	178
CAPÍTULO IV	DIFUSÃO, PROFISSIONALISMO E NEGÓCIO: A SEGUNDA FASE DO RODEIO DO BRASIL CENTRAL PECUÁRIO (1971-1999)	187
4.1.	A lógica de mercado e a difusão do rodeio: o papel de tropeiros, boiadeiros, e companhias de rodeio na difusão e constituição	191
4.1.1.	Prefeituras, Clubes de Rodeio e Sindicatos Rurais: a ordem local e sua contribuição para a difusão da festa do peão de boiadeiro.	201
4.2.	Das experiências ao sistema de regras e profissionalismo: do cutiano à montaria em touros	207
4.2.1.	Na década de 1980 a “turma do boi” foi chegando devagar e foi mudando o rodeio.	216
CAPÍTULO V	EXPANSÃO, PROFISSIONALISMO E EMPRESA: A TERCEIRA FASE DO RODEIO DO BRASIL CENTRAL PECUÁRIO (1991-2000)	222
5.1.	As redes de TV e a indústria fonográfica descobrem o rodeio	226
5.2.	Profissionalismo e empresa: tensões e conflitos pela	

	hegemonia no território do rodeio	232
5.3.	Experiência, classe e poder no processo de regulamentação da profissão de peão de rodeio	256
CAPÍTULO VI	DA REGULAMENTAÇÃO À INTERNACIONALIZAÇÃO DO RODEIO: A QUARTA FASE DO RODEIO DO BRASIL CENTRAL PECUÁRIO (2001-2006)	288
6.1.	A PBR nos EUA: formação, desenvolvimento e expansão	291
6.2.	A PBR e suas estratégias no Brasil	301
6.3.	Os corpos de peões e touros e sua mercantilização	305
6.4.	Corpos no território. Território nos corpos	307
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	312
	BIBLIOGRAFIA	327
	APÊNDICE	355

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O que eu quero dizer é que temos que defender a festa do peão. A festa do peão que tem música sertaneja, que tem as roupas tradicionais dos peões, que resgata a cultura caipira do nosso país, do nosso Estado, que tem os shows com as grandes duplas que eu gosto, que tem todos aqui que de certa maneira também gostamos. Mas a gente tem que trabalhar pra acabar não é pra acabar com aquele rodeio que em tese não tem maus tratos, mas, com o que acontece antes de ter rodeio. Porque o problema não é o rodeio profissional como é o de Barretos, mas o antes, como são os casos dos treinamentos dos peões que não são profissionais, e pra isso eles tem que montar até chegar ao nível do profissionalismo. Então a gente tem que defender a festa do peão mas sem esse tipo de atividade esportiva que na verdade não dá opção pra um dos instrumentos do esporte saber ou dizer se ele quer ou não praticar essa atividade. Quem é que lucra com o rodeio? (João Farias)¹

O rodeio é um senhor de 120 anos de idade que nasceu nos Estados Unidos. E ele teve vários filhos. Um foi pro Canadá, outro pra Austrália, um pra Nova Zelândia, um pro México, um pra Guatemala, e assim por diante, e um veio para a América do Sul e ele ficou um dos filhos mais poderosos. Esse é um senhor de 60 anos e nesse tempo já fomos oito vezes campeões mundiais (Esnar Ribeiro)².

No Brasil, diferentemente dos Estados Unidos, ainda é a cultura da festa que impera. Não é o rodeio. Lá os rodeios são tidos como qualquer outro esporte. Você compra sua entrada com cadeira numerada, compra seu cachorro quente, seu refrigerante, se acomoda com sua família e torce para os atletas. Aqui não. Aqui ainda é a festa que movimenta o público e isso limita o fortalecimento do rodeio como esporte aqui no Brasil³.

1. 1. Festa do peão de boiadeiro e rodeio: distinções necessárias

As citações acima servem como porta de entrada ao trabalho ora apresentado. Nelas podemos reconhecer que, embora sejam tomados

¹ Vereador PRB – Araraquara/SP - MTV Debate - Discussão sobre o uso de animais para montaria em rodeios. Debate, na íntegra, ocorrido dia 11 de maio de 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=COJ6oejmIQs>.

² Ex-peão de touros, comentarista de rodeios e apresentador do programa Arena em Debate do canal brasileruraltv.com. 1º Encontro de Defensores do Rodeio – São José do Rio Preto, 17 de setembro de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iq6e6KNR-a4>

³ Flávio Junqueira, diretor da Professional Bull Riders Incorporation (PBR) Brasil. Entrevista realizada em 07 de dezembro de 2007 em São José do Rio Preto/SP.

como sinônimos pelo senso comum, festa do peão de boiadeiro e o rodeio moderno⁴ são eventos específicos, promovidos, organizados e realizados por sujeitos sociais dotados de poder e objetivos distintos – fato que sugere a existência de certas tensões que podem ser identificadas nos discursos acima.

Todavia, não é esse entendimento que comparece tanto na maior parte das pesquisas analisadas quanto no senso comum. Ao que parece o fato do rodeio ocorrer como o principal evento da festa do peão é a razão que leva tanto o senso comum quanto alguns pesquisadores a tomarem esses eventos como sinônimos ou partes de um mesmo fenômeno. Embora a festa do peão de boiadeiro e o rodeio continuem acontecendo vinculados, partilhando de um mesmo espaço-tempo e, em razão disso, sejam tomados pelo senso comum como sinônimos ou análogos, cabe reiterar que em suas trajetórias históricas vieram constituir territórios específicos, dotados de sujeitos sociais e territorialidades próprias⁵.

⁴ A partir desse momento passaremos a utilizar somente o termo rodeio para fazer referência às competições que envolvem bovinos e equinos. O termo rodeio moderno para fazer distinção entre as competições realizadas antes e após a regulamentação do rodeio como esporte no Brasil em 2001. Essa definição é fundamental para nossa pesquisa, pois, ao trabalharmos com o conceito de esporte moderno para compreender a atualidade do rodeio do Brasil Central Pecuário (BCP) optamos por seccioná-lo em duas categorias: o rodeio tradicional e o moderno. O primeiro é definido pelo caráter lúdico de jogo presente nas competições nas quais a espontaneidade dos competidores estava atrelada ao localismo dos eventos. Além da ausência ou ineficiência de organizações específicas em estruturar uma sólida rede de eventos que pudessem se retroalimentar por meio de campeonatos e circuitos de rodeios tanto em escala nacional quanto internacional, caracterizam o primeiro. O segundo é marcado pela definitiva conversão do rodeio em uma atividade esportiva racionalmente organizada e orientada pela lógica empresarial, dotada de regulamentos, regras e profissionais próprios, com campeonatos regidos por diferentes organizações que operam tanto em escala nacional quanto mundial e a crescente presença do capital financeiro em seu funcionamento. Esclarecemos, ainda, que a categorização adotada não pressupõe que desconsideremos o movimento e a processualidade das mudanças pelas quais o rodeio transitou nesse pouco tempo de existência, pois, conforme procuramos demonstrar ao longo do trabalho, nossas reflexões levam em consideração a existência de fases de transição em cada uma delas.

⁵ Durante a pesquisa de campo, realizada entre 2007 e 2008, aplicamos um mesmo questionário (Anexo 1) a 1691 (um mil seiscentos e noventa e uma) pessoas. Embora o número de colaboradores possa ser pequeno, se comparado ao número de pessoas que frequentam as festas de peão, acreditamos que o volume de pessoas abordadas sirva para esclarecer a visão que o público tem acerca de festa do peão e rodeio. Isso porque, durante a pesquisa, procuramos selecionar um conjunto de pessoas que possuísem faixas etárias, graus de instrução e origens sociais diferentes. Também nos preocupamos em aplicar o questionário a pessoas de diferentes cidades. Esse conjunto de entrevistados foi organizado da seguinte forma: nas festas de peão visitadas aplicamos 736 (setecentos e trinta e seis) questionários; em três escolas privadas aplicamos o mesmo questionário a 335 (trezentos e trinta e cinco) alunos do Ensino Médio de Araçatuba, Birigui, e Buritama; também aplicamos o mesmo questionário a 560 (quinhentos e sessenta) alunos de graduação dos cursos de História, Letras, Educação Física, Design de Moda, Comunicação Social, e Administração de

Mesmo que essa distinção tenha se tornado mais visível nas últimas décadas, sobretudo após a regulamentação do rodeio como esporte no Brasil em 2001, seus distanciamentos derivam de um longo e intrincado processo de transformações iniciado, principalmente, nas últimas três décadas do tempo coevo e ainda em andamento.

Se em suas origens o rodeio bem como a festa do peão de boiadeiro eram organizadas e promovidas pelos mesmos sujeitos sociais, ao longo de suas trajetórias foram apropriados por diferentes sujeitos e agentes econômicos dotados de interesses, objetivos, ações, práticas e poder de maneira específica.

Conforme procuramos demonstrar ao longo deste trabalho, tanto os rodeios quanto as festas do peão boiadeiro foram difundidos primeiramente para cidades vizinhas à Barretos. Ao mesmo tempo em que esse movimento ocorria, nos anos e décadas seguintes também alcançaram boa parte do Brasil central Pecuário onde passariam a ocupar espaços importantes nos calendários festivos das pequenas e médias cidades dessa região.

Essa característica nos permite inferir ou mesmo categorizar a festa do peão boiadeiro como um evento local realizado anualmente em diferentes cidades do BCP⁶ tal como as festas de aniversário da cidade e do padroeiro. Isso porque, em sua maioria são organizadas e realizadas por clubes ou associações de rodeio compostos por membros da sociedade local na qual a festa se realiza⁷. Dependendo de seu aporte financeiro, importância simbólica no conjunto de eventos desse tipo, ou pelo apelo midiático adotado

uma Instituição de Ensino Superior de Araçatuba; na mesma instituição, aplicamos o questionário a 60 (sessenta) alunos de pós-graduação (Especialização em História e Cultura).

⁶ Nosso levantamento de informações a respeito dos estados nos quais a festa do peão é realizada assemelha-se àquele apontado por Pimentel (1997): Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná.

⁷ Durante pesquisa de campo pudemos constatar que a festa do peão disputa espaço com a festa do padroeiro ou aniversários das cidades, isso quando não são realizados concomitantemente. Também pudemos verificar que enquanto as festas religiosas envolvem famílias, mas, principalmente mulheres em sua realização, e as festas cívicas contam com a forte presença do poder público municipal, as festas do peão são tratadas como “coisas de homem”, de pessoas que “conhecem o mundo e a vida rural e da lida com a pecuária”. Entretanto, ainda que existam distinções entre as formas, os sentidos e os sujeitos sociais envolvidos em suas realizações, é possível reconhecer o sentimento de pertencimento local tanto antes quanto durante o acontecimento das diferentes festas.

podem repercutir e atrair consumidores de diferentes escalas geográficas desde o regional ou nacional e, por vezes, o internacional⁸.

Quanto às suas dimensões simbólicas e materiais a festa do peão de boiadeiro procura, por meio de um conjunto de procedimentos simbólicos ou não, ritualizar e atualizar tanto as práticas pastoris do Brasil Central Pecuário (BCP) quanto o peão de boiadas. Esse apelo é visível já em sua primeira versão oficial (1956), pois, seu acontecimento esteve intimamente ligado à imagem e à memória de um lugar, no caso, Barretos/SP, e à sua trajetória ligada à pecuária de corte (PERINELLI NETO, 2002; TONON, 2000).

A partir de Barretos esses eventos foram elaborados e atualizados conforme as novas demandas e a densidade técnica do espaço geográfico. Majoritariamente realizada entra as noites de quinta-feira e domingo, a festa realizada no recinto pode ser tratada como um evento estruturado, demarcado com procedimentos, discursos e narrativas que buscam, pela repetição e pelo acionamento de símbolos e práticas ligadas ao transporte de boiadas, ritualizar a “ideia de resgate da tradição pecuarista em moldes modernos” (PIMENTEL, 1997, p.41).

De modo geral as festas do peão de boiadeiro seguem uma mesma sequência de eventos. Em razão disso, nela podem ser encontrados os elementos que a constituem como um enredo, isto é, “como uma via pela qual uma sequência de eventos modelados numa estória gradativamente se revela como sendo uma estória de um tipo determinado” (PIMENTEL, 1997, p.51).

Essa sequência de eventos pode ser dividida em dois grandes momentos: a abertura e o encerramento do evento. O primeiro momento é marcado pela ocorrência de uma cerimônia cívico-religiosa, com a participação ou não de um representante do clero católico. Nela a dimensão religiosa tem a função de “abençoar” os competidores e, por isso mesmo, está centrada no

⁸ Durante pesquisa de campo pudemos reconhecer que o aporte financeiro, a publicidade e propaganda, bem como a importância histórica do evento resultam na existência de festas do peão que acionam uma ou mais escalas geográficas. Clementina/SP e eventos semelhantes encontram-se no nível regional. Jaguariúna e Americana/SP operam no nível nacional e, Barretos/SP aciona as três escalas geográficas. Ao que parece a posição que uma festa ocupa no campo de poder pode ser interpretado pelo conceito de capital simbólico proposto por Bourdieu (1998) o qual depende diretamente da soma dos diferentes capitais (o social, o político, o econômico e o cultural) presentes e manifestos tanto nas ações dos sujeitos sociais que a organiza quanto na trajetória histórica do evento (BOURDIEU, 1998).

culto à Nossa Senhora Aparecida e à São Sebastião, cognominado no mundo dos rodeios de São Sebastião do Rodeio. Em seguida ao ato religioso, ocorre uma cerimônia cívica pela qual os responsáveis pela organização além de usarem da palavra para dar boas-vindas a todos os participantes e visitantes e declarar aberta a festa, relembram o passado do evento por meio de discursos e homenagens aos fundadores do clube de rodeio ou idealizadores das primeiras festas do peão.

Embora tenham sofrido grandes mudanças em suas formas, sentidos e funcionamento, tornando-se eventos de consumo e fruição de massa, não perderam esse apelo inicial. Tanto que é comum na maioria dos eventos ocorrer o “desfile de encerramento” ou de “abertura”. Nesses o enredo reforça a dimensão do passado, pois, contam com elementos da cultura material e simbólica do “tempo das tropas e boiadas”. São os casos das “comitivas” e da “queima do alho”. O apelo a essa dimensão nas vozes de locutores de rodeio que, de maneiras distintas, referenciam o peão de boiadas como “herói anônimo do sertão”, versos e trechos de músicas sertanejas que enaltecem o peão de boiadeiro.

Realizadas majoritariamente em recintos construídos especificamente para a realização de rodeios em touros e cavalos, a festa do peão tornou-se opção de lazer para os habitantes das pequenas e médias cidades do BCP⁹. Com isso, passaram a ocupar espaço definitivo no calendário cívico e religioso de boa parte das cidades desta região¹⁰.

Por sua vez, o rodeio – peça-central da festa do peão – pode ser compreendido como um conjunto de competições envolvendo peões de rodeio, touros e equinos, segundo cada uma de suas modalidades: cutiano, sela americana, *bareback*, montaria em touros, e as provas funcionais.

⁹ Conforme informações obtidas durante a pesquisa, até meados da década de 1980 a festa do peão era realizada, em sua grande maioria, em campos e estádios de futebol. Pouquíssimas eram as cidades que contavam com recintos próprios. Já, na segunda metade dessa década, há um forte movimento de grupos sociais locais para a construção de estádios ou recintos dedicados exclusivamente à festa do peão e ao rodeio em suas cidades.

¹⁰ Ao longo de nossa pesquisa pudemos constatar que enquanto a “festa da igreja” pode ser compreendida como um ritual da comunidade e, o “aniversário da cidade” um evento político local, a festa do peão de boiadeiro organizada mais como um festival tornando-se um evento social total. Isso porque nela são encontradas tanto a comunidade e o poder político local quanto sujeitos sociais estranhos ao lugar.

Seguindo um rígido padrão de regras que visam dotar as competições do caráter esportivo e profissional, os rodeios tenderam a aproximar-se gradativamente dos padrões estadunidenses tanto em termos de formato quanto de organização e funcionamento. Em razão disso, passaram por profundas transformações em seu sentido, forma, e formato originais.

Dentre as mudanças, as quais tornaram-se mais visíveis durante as últimas três décadas, podemos mencionar: i) a constituição dos primeiros circuitos nacionais de rodeio (Espora de Ouro e Fivela de Ouro, promovidos respectivamente pelas Organizações Globo e Grupo Bloch) na década de 1990; ii) a formação das primeiras associações, confederações e federações de rodeio, também na década mencionada; iii) o início da internacionalização da montaria em touros com *I Internacional Rodeo* em Barretos (1993); iv) a profissionalização das competições e a regulamentação da profissão do peão de rodeio por meio da Lei Federal 10.220/2001; e v) a consolidação da internacionalização das competições em touros com a entrada da PBR no Brasil em 2006.

Muito distante de suas formas e sentidos originais as competições de rodeio bem como seus profissionais passaram por profundas mudanças tanto em suas formas quanto em suas representações, desde sua primeira realização formal em Barretos (1956). Realizadas inicialmente sob a forma livre de montarias em cavalos atualmente as competições contam com complexa organização que aciona diferentes profissionais durante sua realização (fiscal de brete, juiz de prova, salva-vidas, comentarista, locutor, sonoplasta, tropeiro, boiadeiro).

As tropas e boiadas que até recentemente eram obtidas, em sua grande maioria, mediante “descarte” de fazendas também passaram por significativo refinamento e melhoramento genético. A partir da adoção de certa visão empresarial na formação e seleção de animais para o rodeio, tropeiros e boiadeiros passaram a se preocupar com a seleção e aprimoramento genético de seus animais. Nesse caso, a Companhia de Rodeio Paulo Emílio é o grande exemplo. Paulo Emílio além de contar com acompanhamento veterinário e genético proporcionado, principalmente, pelo curso de medicina veterinária do Centro Universitário de Rio Preto/SP (Unirp), também produziu clones de seu

touro Bandido. Importante também destacar que em 2010 a *American Bucking Bulls Incorporation* (ABBI) entra no Brasil e inicia os trabalhos de registro de touros de pulo no Brasil, traçando e preservando as linhagens dos principais touros de rodeio bem como unificando e promovendo a “indústria de touros de rodeio” no país.

Seus peões, dantes considerados “arruaceiros” e “baderneiros”, passaram a ser tratados como “astros milionários” e “heróis do rodeio” brasileiro com direito à entrevistas em *talk shows* e outros programas televisivos. Esses são os casos de Adriano da Silva Moraes, Silvano Alves, e Guilherme Marchi¹¹. Se em sua origem o peão de rodeio foi inspirado no peão de boiadas do BCP atualmente em muito dele se distanciou. Das botas de cano alto, bombachas, guaiacas na cintura, camisas de manga longa de algodão, lenço no pescoço, e chapéu de feltro de abas largas o peão de rodeio passou a vestir-se e comportar-se como um *cowboy* de rodeio dos Estados Unidos da América (EUA): botas *Justin*, calças jeans e camisas *Wrangler*, e chapéus *Resistol*.

Embora sucinta, acreditamos que essa breve explanação acerca das diferenças entre festa do peão de boiadeiro e rodeio permita reconhecê-los e, conseqüentemente, tomá-los como eventos específicos. É nesse sentido que os tomamos, neste trabalho, como territórios específicos. Ainda que complementares e de relação umbilical, constituem territórios autônomos, singulares, dotados de sujeitos, normas, práticas e relações sociais bem como símbolos próprios.

1.2. Espaço, Território e Territorialidades¹²

¹¹ Até o término de nossa redação (12/2015) Silvano Alves e Guilherme Marchi haviam alcançado mais de US\$ 4 milhões de dólares em premiação pela PBR e Adriano Moraes mais de US\$ 3 milhões de dólares.

¹² Não obstante, ainda que reconheçamos a polissemia e o intenso debate em torno dos termos espaço e território, salientamos que não é de nosso interesse aprofundar ou mesmo abordar tal questão epistemológica. Também esclarecemos que embora admitamos a necessidade e importância do debate acadêmico teórico-conceitual, ou mesmo da episteme da Geografia, entendemos que adentrar tal debate nos levaria a fugir da proposta deste trabalho. Nosso entendimento está pautado, essencialmente, nas contribuições de Milton Santos (1978, 1994, 1998, 1999), José Gilberto de Souza (2009), Marcelo José Lopes de Souza (1995),

Os homens vivem sua experiência integralmente como ideias, necessidades, aspirações, emoções, sentimentos, razão, desejos, como sujeitos sociais que improvisam, forjam saídas, resistindo, se submetendo, vivendo por fim, numa relação contraditória, o que nos faz considerar essa experiência como experiência de luta e de luta política (KOURY; PEIXOTO; VIEIRA; 1995). Nesse sentido a luta de classe é, ao mesmo tempo e na mesma medida, luta de interesses e de valores expressa e plasmada nas relações de poder estabelecidas entre os diferentes sujeitos históricos que produzem e reproduzem o espaço dando forma, sentido, historicidade e conteúdo ao(s) território(s).

Compreendendo o espaço como resultado dialético dessa experiência humana de constante tensão e que é vivida integral e socialmente, o território “deixa de ser um conceito que explica [...], para se tornar um fenômeno que [ao mesmo tempo em que] exige uma explicação [...] produz conhecimento” (SOUZA, 2009, p.99). Por sua vez, o espaço, embora seja palco no qual a história das lutas de desenvolve e se projeta, é produto humano, resultado da ação concreta dos homens e das relações sociais estabelecidas entre si. É, portanto, a objetivação das relações de produção ou, como quer Souza (2009, p. 105), “é campo [de poder na leitura bourdieusiana], materialidade e representação da ação humana [...]. [Resultado] do trabalho percebido como ação material e imaterial sobre a realidade e sobre si”.

Se por um lado é no espaço que as lutas são travadas, por outro, é o resultado desses embates que produzem os territórios. É, portanto, no quadro de diferentes disputas estabelecidas entre distintos sujeitos sociais que, dotados de intensidades desiguais de poder e de intencionalidades de

Rogério Haesbaert da Costa (2004), Claude Raffestin (1993), David Harvey (1992, 2006a, 2006b), Edward W. Soja (1993), e Marcos Aurélio Saquet (2007). Antecipamos que é de nosso conhecimento a existência, mesmo que mínima, de divergências ou discordâncias entre os teóricos mencionados em torno dos conceitos apontados – ainda que nossos interlocutores partilhem de uma teoria social crítica, fundada no materialismo histórico e na dialética, para compreenderem o espaço geográfico – o que para nós não significa empecilho, quando sua leitura se vincula à materialidade social. Desse feito, conforme apontado anteriormente, chegamos ao entendimento que converge para aquele proposto por Souza (2009) de termos o espaço como categoria geográfica enquanto o território como fenômeno a ser interpretado.

ações diversas que parcelas do espaço, preenche de territórios¹³, são apropriadas de maneira distinta e desigualmente pelos sujeitos históricos gerando os territórios.

Dessa forma, o campo da ação política e do fazer política ultrapassa o âmbito estritamente institucional, os limites da presença e da ação do Estado para se colocar na multiplicidade de formas, graus e intensidades de poder presentes e manifestas nas estratégias de controle e de subordinação no social, para não dizer, do capital. Tal entendimento não exclui o Estado enquanto agente de poder e de organização do espaço. Pelo contrário. Coloca-o como instrumento de classe que ordena o mundo adequando institucionalmente a supraestrutura às mudanças infraestruturais.

Dito de outra forma é por meio do Estado, sintetizado sob a forma de governos, que diferentes grupos de poder materializam suas forças no espaço. Por meio de ações institucionais pode reestruturar o ordenamento político-jurídico e, dessa maneira, atender às diferentes demandas e acomodar as tensões ao atender os interesses de classe ou do modo-de-produção vigente. Serve, portanto, como instituinte e legitimador das diferenças sociais e da dominação.

Assim, se a dominação permeia e plasma todo o conjunto da vida social, a resistência está aí igualmente presente, não apenas de forma organizada, mas também de maneira “surda”. Daí a importância que adquire a interpretação dos modos de como a população organiza seus divertimentos, suas festividades, suas formas de representar e ironizar a luta do cotidiano e que certamente se articulam, dentre outras formas, com as literárias, a música, a poesia, as religiosas, as lúdicas e esportivas (KOURY; PEIXOTO; VIEIRA; 1995).

A leitura atenta e crítica a essas manifestações é que nos permitem identificar e localizar por meio das classes, dos sistemas de produção, dos níveis de desenvolvimento tecnológico, das relações de trabalho estabelecidas, das representações sociais produzidas, das identidades

¹³ O termo é de José Gilberto de Souza para fazer referência à fecundidade do espaço a ser apropriado e gerar territórios. (Notas de Aula da disciplina Estado e Agricultura no Brasil oferecida em 2006 junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia da FCT-Unesp/Presidente Prudente).

partilhadas e suas ancoragens, das intencionalidades e, conseqüentemente, a emergência dos territórios.

Compreender o espaço geográfico e o território sob esse viés é admitir que o poder e a dominação não se localizam apenas no aparelho de Estado ou no nível do econômico, mas, que engendra mecanismos de controle os quais se materializam em todo um processo de disciplinarização da população que é, por sua vez, direcionado por e a partir de sujeitos dotados de poder e interesses muitas vezes divergentes, mas, ligados à lógica normativa do capital (THOMPSON, 1998).

Compete, portanto, ao pesquisador mostrar que o corpo está submerso num campo de poder. Na dimensão política do território deve mostrar como as relações de poder investem sobre ele, para torna-lo dócil e obediente. Na dimensão econômica evidenciar como o mesmo se torna útil e produtivo. Se consideramos o poder como um dos elementos do território é porque nele reconhecemos que o corpo, imerso em seu interior, deve tornar-se obediente e produtivo. Logo, produzido, transformado e reformado por meio de técnicas que o levam à sujeição (FOUCAULT, 1979, 1988).

Se a disciplina produz indivíduos produtivos e, ao mesmo tempo obedientes, torna-se necessário não só identificar os meios que precederam à disciplinarização como, também, entender de que maneira tais meios objetivaram sua concretização e provocaram a subjetivação que sujeitaram os indivíduos. Nesse caso os corpos que sofrem a ação das tramas do poder denunciam o processo de disciplina sofrido pelo peão ao longo da história do rodeio.

De peão de fazendas ou boiadas, marginalizado socialmente, foi transformado em atleta de rodeio. Para isso seu corpo teve que ser controlado, treinado, adestrado para tornar-se produtivo e fundamental à reprodução do território do rodeio.

Entendida dessa maneira a dominação, enquanto relação desigual de forças acaba por atravessar toda a atividade social, desde o trabalho, escola, família, até as formas aparentemente mais ingênuas de lazer e diversão (FOUCAULT, 1979, 1995, 1998; KHOURY, PEIXOTO, VIEIRA, 1995). Ao mesmo tempo em que disciplina a população, o poder é convertido e se manifesta sob a forma de dominação, historicamente expressa nos

diferentes modos-de-produção. Nesse diapasão podemos concordar com Raffestin (1993, p.52) quando afirma que o poder está “presente em cada relação, na curva de cada ação: insidioso, ele se aproveita de todas as fissuras sociais para infiltrar-se até no coração do homem”.

Logo, acreditamos ter esclarecido que não entendemos o espaço geográfico como mero espelho ou receptáculo externo da sociedade, mas, como espaço social resultante de processos sociais que dialeticamente integram forma e conteúdo. Por conseguinte, iremos analisá-lo enquanto uma construção e condicionante integrado no desenvolvimento dos processos sociais.

Sob esse entendimento o espaço geográfico será aqui tratado como reflexo e condicionante das ações humanas. Expressão sincrônica e diacrônica dos tempos e espaços. Resultado e objeto das relações de produção de um dado momento histórico. Síntese do modo de produção hegemônico vigente. Das ideologias. Dos projetos concretizados e das possibilidades de superação do que está posto e instituído. Projeção humana, objetivação da vida e, por isso mesmo, material e imaterial.

Dessa maneira esclarecemos que espaço comparece, neste trabalho, como categoria de análise, enquanto território emerge como fenômeno que reivindica sua explicação, conforme salienta Souza (2009, p.112) ao sugerir que a “análise [geográfica] precisa reconhecer que as relações sociais produzem o espaço e, por sua vez, a diferencialidade destas relações produz o território”. O espaço, nesse sentido, é campo, materialidade e representação da ação humana, logo, histórico-social e resultado do trabalho enquanto o território é processo social.

Melhor esclarecendo, para nós o território se diferencia do espaço do ponto de vista em que o compreendemos como “o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático, [sujeito] que realiza um programa em qualquer nível” (RAFFESTIN, 1993, p.143). Se nossa concepção de território converge para aquela proposta pelo citado geógrafo francês torna-se evidente que neste trabalho o território é compreendido enquanto processo de apropriação de uma parcela do espaço pela ação de um ou mais sujeitos sociais. Assim, além de nos ocupar em compreender a maneira como essa

apropriação ocorre (concreta ou abstratamente) também nos preocupa reconhecer por quais ações e relações sociais (assimétricas ou não) o território do rodeio se constitui.

Compreendido como parte diferenciada do espaço geográfico, nesse sentido o território não existe em si, senão a partir das ações concretas de homens concretos. Portanto, fenômeno histórico e elemento constitutivo das relações sociais (SOUZA, 2009). A justaposição das atividades humanas cotidianas: do trabalho, do lazer, das normas e das leis que regulam a vida em sociedade. Do tempo ordinário e extraordinário que reforça ou subverte – mesmo que momentaneamente – o cotidiano. É, por conseguinte, a concretização, a objetivação do mundo sensível, das visões de mundo e de classe. Estabelecido e materializado nas lutas, nos conflitos, nos embates sociais e nas disputas espaciais. Desse modo, o espaço geográfico é, portanto, anterior ao território e é prelo deste.

Desse entendimento podemos argumentar que o território não se constitui como conceito em si, mas, como construção histórica que reivindica sua interpretação. Como “consciência e matéria que exige uma explicação” (SOUZA, 2009, p.112). Logo, como unidade diferenciada do espaço, pois, envolve identidades, relações de poder, atividades econômicas ou não, organizações e representações sociais específicas e historicamente situadas no espaço.

Desse ponto de vista o território pode ser definido como parte específica e única do todo geográfico. Resultado do jogo desigual de forças firmado entre sujeitos sociais interessados no território (RAFFESTIN, 1993). Campo no qual diferentes sujeitos históricos, dotados de distintas intensidades e magnitudes de poder, escalas de atuação e objetivos se relacionam; estabelecem ou rompem alianças; compactuam ou divergem em termos de projetos políticos (RAFFESTIN, 1993). Ademais, não é campo apenas em termos de abordagem ou ferramenta de interpretação científica, mas, expressão de grupo social.

Por seu turno, entendemos a territorialidade como resultado e resumo de concepções elaboradas e reelaboradas historicamente pelos grupos sociais que constituem ou se apropriam de um território. A exteriorização de

práticas, representações e relações sociais estabelecidas e difundidas historicamente resultando em territorialidades.

Produto do entrelaçamento, da imbricação dessas relações de produção, que são ao mesmo tempo de poder entre indivíduos, classes e culturas de grupos sociais; de apropriação que geram o sentimento de pertença ou posse as territorialidades ensejam identidades territoriais. Nesse sentido, a territorialidade faz referência ao conjunto de práticas e suas expressões materiais e simbólicas capazes de garantirem a apropriação e permanência de um território por um determinado sujeito social, o Estado, os diferentes grupos sociais ou as empresas (SANTOS, 1978).

À vista disso, a territorialidade diz respeito às relações entre um indivíduo ou grupo social e o seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas como uma localidade, uma região ou um país e, dessa maneira, expressando sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado território.

Supõe, enfim, o vivido territorial, em toda sua abrangência e em suas múltiplas dimensões cultural, política, econômica e social. Como atributo humano, ela é primariamente condicionada por normas sociais e por valores culturais, que variam de sociedade para sociedade no espaço e no tempo.

É a partir do entendimento do espaço geográfico enquanto projeção das ações e relações cotidianas estabelecidas e mediadas pelo/no trabalho; do território como campo no qual o poder se articula e se move e; da territorialidade como o conjunto de práticas e representações desenvolvido por instituições ou grupos, no sentido de controlar um território, que aventamos a ideia de que o rodeio constitua um território uma vez que expressa plenamente os quatro elementos que o explicitam e lhes dão forma e conteúdo: i) relações de poder; b) os símbolos; c) as normas; d) a identidade coletiva.

Por fim, é a partir desse conceito – território – que reconhecemos a viabilidade de identificar tanto a espacialização¹⁴ do rodeio

¹⁴ Adiantamos que espacialização é aqui entendida enquanto movimento concreto das ações e sua reprodução no espaço geográfico e no território. Do ponto de vista do movimento a espacialização é

quanto sua territorialização no estado de São Paulo¹⁵. Além disso, torna-se também possível identificar, em suas mudanças, a transposição escalar, considerando sua articulação com aqueles realizados nos Estados Unidos da América.

1.3 – A espacialidade do fenômeno e suas interpretações

Estima-se que no Brasil sejam realizados anualmente 1800 rodeios e festas do peão de boiadeiro. Desses, acredita-se que somente no estado de São Paulo sejam cerca de 600 eventos do gênero a cada ano¹⁶, fato que nos permite afirmar que tais festas e competições ganharam receptividade e importância no BCP. Além desses números podemos concordar com outros também apresentados pela Confederação Nacional do Rodeio (CNAR) de que outros 1200 ocorram difundidos pelos estados de Tocantins, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, e Paraná¹⁷. Em termos econômicos acredita-se que anualmente o conjunto desses eventos movimente de maneira direta e indireta aproximadamente 3 bilhões de reais anuais, gere 320 mil empregos diretos e indiretos, e sejam frequentadas por 30 milhões de pessoas¹⁸.

circunstancial, é o presente (SANTOS, 1988). É, portanto, o conceito que nos permite mapear e cartografar a difusão espacial do rodeio no estado de São Paulo.

¹⁵ Embora o formato do rodeio abordado neste trabalho seja comum em boa parte das pequenas e médias cidades do Brasil central Pecuário (BCP) optamos por concentrar nossas pesquisas no estado de São Paulo tanto em razão da quantidade de eventos anuais quanto por encontrarmos a gênese de seu formato atual na região de Barretos/SP. Todavia, a delimitação geográfica não impede que estabeleçamos relações de proximidade, analogia ou reciprocidade com eventos que ocorrem com maior frequência nos estados de Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e, com Paraná, Tocantins e demais estados brasileiros.

¹⁶ Dados obtidos junto à CNAR e comparados com aqueles por nós obtidos durante levantamento de informações realizado entre 2010 e 2014. Os dados coincidem com os indícios sugeridos Dos 645 municípios paulistas apenas 32 proibem formalmente a realização de rodeios em suas áreas.

¹⁷ Dados obtidos junto à CNAR e confrontados conforme levantamento realizado entre 2010 e 2014.

¹⁸ Ainda que as informações apresentadas sejam provenientes de fonte ligada diretamente ao rodeio, no caso a CNAR, dificilmente conseguiríamos ter acesso e sistematizar um conjunto de dados semelhantes para confrontar os números apresentados por essa entidade. Não obstante, os dados fornecidos servem para demonstrar a relevância econômica e a espacialidade desses eventos no Brasil.

Para aquilatar ainda mais a importância e ubiquidade que essas festas e competições alcançaram no estado de São Paulo, basta um mirar panorâmico sobre qualquer porção do interior paulista. Na maioria das pequenas e médias cidades podemos notar a existência de um recinto de exposições e rodeio, objetos geográficos construídos a partir da década de 1980 por meio da articulação entre os diferentes níveis de poder: municipal, estadual, e federal¹⁹. Em razão disso, não há como ignorar a presença e a ubiquidade desses eventos no calendário de festas e comemorações anuais dessas cidades.

Todavia, em que pese essas evidências denunciarem a redundância que esses eventos assumiram nas últimas três décadas, ainda são poucos os trabalhos acadêmicos que se ocupam em interpretá-los. Ao buscarmos na produção científica brasileira trabalhos acadêmicos que tratassem do rodeio ou da festa do peão de boiadeiro no Brasil, acabamos nos deparando com pouco número de pesquisas sobre o tema. Nesse conjunto, a produção insere-se, essencialmente, no âmbito da História e da Sociologia. Com isso, se por um lado, pudemos constatar - em larga medida - o silêncio da Geografia quanto ao rodeio, por outro, observamos que a maioria dos trabalhos insere esses eventos na compreensão da atual relação cidade-campo, urbano-rural, e não provavelmente por essa razão não se preocupa no aprofundamento de suas dimensões, sujeitos, práticas e estruturas sociais vigentes.

Desse modo, esclarecemos que grande parte das teses e dissertações analisada não se ocupa em compreender específica ou isoladamente o rodeio, a festa do peão de boiadeiro ou as exposições agropecuárias. Esses são temas de menor importância na maioria dos trabalhos e aparecem sob a forma de referências ao longo dos trabalhos. Quando isso não ocorre constituem motivo para a elaboração de um capítulo que aborde linearmente a trajetória desses eventos.

¹⁹ Essa afirmação está pautada tanto na observação realizada durante a pesquisa de campo quanto nas informações obtidas junto às prefeituras municipais que responderam ao questionário por nós enviado.

Na medida em que a revisão bibliográfica se aprofundava denunciando essa primeira lacuna, outras também se tornavam evidentes e reivindicavam sua compreensão. Nesse caso, mesmo levando em conta as devidas contribuições pontuais e individuais de cada pesquisa científica, boa parte dos trabalhos que tratavam unicamente sobre o rodeio ou festa do peão de boiadeiro se caracterizavam, segundo nosso ponto de vista, como descritivos, folcloristas, economicistas, etnográficos, historiográficos com recortes temporais pretéritos, ou se restringiam a abordar e compreender exclusivamente a história da Festa do Peão Boiadeiro de Barretos/SP. Além disso, como a abordagem adotada e os objetivos desta pesquisa distanciam-se daqueles, os trabalhos com maior aprofundamento teórico-conceitual a respeito do rodeio perderam grande parte de sua capacidade explicativa às nossas indagações.

No conjunto desses trabalhos encontramos a dissertação de mestrado em Educação Física, defendida na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) por Rhodes Albernaz de Almeida Serra, publicada como livro em 2000. Embora o autor aborde exclusivamente o rodeio de Barretos e defenda sua prática enquanto manifestação esportiva, nesse trabalho esteve preocupado em levantar e difundir informações sobre a prática do rodeio limitando-se, em função dessa intenção, a descrever sua organização e funcionamento.

Uma acurada descrição do rodeio, ou melhor, uma verdadeira etnografia é encontrada nessa obra. O detalhamento do rodeio desde o local para sua prática, passando por suas regras, equipamentos para montarias, até apresentar minuciosamente quais são os animais utilizados. Ainda nesse trabalho, procura apresentar algumas curiosidades sobre o rodeio, aborda a religiosidade do peão, define o estilo musical desses eventos, apresenta a relação dos campeões (1996-1999) das diferentes modalidades do extinto Campeonato Nacional de Rodeio Completo (CNRC) e conclui sua pesquisa com a descrição dos diversos profissionais envolvidos nesse evento e suas respectivas funções no rodeio.

É um trabalho, inegavelmente rico em imagens e detalhado sobre a organização e ocorrência do rodeio. Todavia, por ser essencialmente

descritivo, consideramos que a obra pode auxiliar àqueles que estão se iniciando no entendimento do “que é” e como se organiza o rodeio ou a festa do peão de boiadeiro. Não contribui, portanto, com uma abordagem e análise mais elaborada e crítica acerca desse fenômeno.

Isso talvez tenha advindo de alguns fatores ou certas limitações que podemos aventar. A primeira delas foi certamente a carência de um aporte teórico-conceitual sólido e crítico que lhe possibilitasse a leitura das contradições internas e inerentes a esses eventos – certamente esse não foi o interesse da pesquisa. A outra é a possível relação da pesquisa com o contexto histórico em que foi realizada e publicada sob o formato de livro.

Sobre esse aspecto, esclarecemos que, desde os primeiros anos de 1990, diferentes sujeitos sociais ligados diretamente ao rodeio sentiram-se profundamente ameaçados frente à gradativa intensificação das ações da Sociedade Protetora dos Animais (SPA) que via na prática dos rodeios maus-tratos impostos aos animais. Desde 1991 cidades como Santo André, São Bernardo e Diadema contavam com leis que impediam a realização desses eventos em seus municípios. A tensão tornou-se mais evidente em 1998 quando foi aprovada a Lei Federal número 9603, de 12 de fevereiro tornando "crime ambiental" a prática de atos de abuso, maus-tratos, mutilações ou ferimentos praticados contra os animais.

Com base nessa norma jurídica, promotores e juízes usaram essa lei para enquadrar os rodeios como atividades "lesivas ao meio ambiente". A justificativa estava na avaliação de que os animais que participavam das provas montarias, submetidos a esporas e sedéns, bem como das chamadas "provas funcionais" passavam por maus-tratos. O resultado foi o embargo de várias festas durante o primeiro semestre daquele ano. O receio do embargo também recaía sobre a maior festa do gênero na América Latina: Barretos, que realiza seu evento anual tradicionalmente na segunda quinzena do mês de agosto.

Assim, a produção de trabalhos científicos que defendessem o rodeio como prática esportiva e a difusão desse conhecimento a um público leitor poderia reforçar e salvaguardar os interesses e práticas dos empresários do rodeio. Nesse jogo de forças o Clube de Rodeio “Os Independentes” de

Barretos custeou a pesquisa desenvolvida (R\$ 75.000,00) junto à Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Jaboticabal, liderada pelo prof. Dr. Tenório Vasconcelos²⁰, intitulada “Projeto Sedem”. A pesquisa resultou em laudo denominado “Avaliação técnico-científica da utilização do sedem em bovinos de rodeio” e foi publicado em 2000 na Revista Educação Continuada do Conselho Regional de Medicina Veterinária/SP²¹.

O laudo serviu como instrumento de reforço e validação científica à aprovação da Lei Federal 10.220/2001²² que regulamentou a atividade de peão de boiadeiro como atividade esportiva profissional naquele ano. A partir de então, certos entraves e limitações impostas às festas de peão e rodeios foram superadas e os empresários desse segmento passavam a ter, tal como a SPA, respaldo jurídico.

Por fim, outra limitação e, possivelmente a maior, tenha sido a “paixão do autor” pelo rodeio. Provavelmente a relação afetiva do autor com o rodeio possa ter contribuído para inviabilizar uma leitura mais apurada e crítica acerca do tema. Isso porque, durante seu trabalho de campo, segundo palavras do próprio autor, “ao entrar pela primeira vez no Parque do Peão, sinto meu coração *cowboy* palpitar de emoção; à medida que avançamos em

²⁰ Até a conclusão de nossos trabalhos de campo o prof. Dr. Tenório Vasconcelos, já aposentado como docente da Unesp Jaboticabal, era o veterinário responsável pelo Centro de Convivência com Animais (ECOA). O centro é mantido pelo clube “Os Independentes” de Barretos nas dependências do Parque do Peão. Tenório Vasconcelos, além de ter sido contratado pelo clube é, também, membro honorário dos “Os Independentes”. Outro aspecto que surtiu interesse foi a posição de pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), também da veterinária, que se opõem aos resultados da pesquisa desenvolvida na Unesp Jaboticabal. Essa questão será melhor apresentada no decorrer deste trabalho em momento oportuno.

²¹ O referido projeto está registrado no Ministério da Cultura sob o nº 136.725, livro nº 218 e folha nº 209, disponível para consulta na FUNEP – Fundação de Estudos e Pesquisas em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia – Unesp – Campus de Jaboticabal. O resultado foi publicado em: VASCONCELOS, O. T.; ALESSI, A. C.; ESPER, C. R.; FRANCESCHINI, P. H. Avaliação técnico-científica da utilização do sedem em bovinos de rodeio. In: **Revista Educação Continuada CRMV/SP**. São Paulo: volume 3, fascículo 2, p.72-77, 2000. A publicação pode ser consultada em: www.revistas.bvs-vet.org.br/recmvz/article/download/3370/2575.

²² A citada lei federal resultou da tramitação no Congresso Nacional de um total de seis projetos de lei acerca do tema apresentados por diferentes deputados ao longo de praticamente dez anos (1992-2001).

direção à arena esta emoção aumenta. Sentimento tão forte que me distancio de meus amigos e choro” (SERRA, 2000, s/p)²³.

Em suma, é um trabalho que, ao contrário de perscrutar as relações e os jogos de poder no interior desse evento, acaba servindo como veículo propagandístico da festa do peão de boiadeiro de Barretos e legitimador do discurso e das práticas sociais do rodeio brasileiro, omitindo as contradições, as desigualdades, e as lutas sociais geradas pelo desenvolvimento dessa atividade econômica e social. Ao mesmo tempo em que funciona como “cartilha” àqueles que não possuem intimidade com o rodeio serviu como instrumento para reforçar, no jogo de poder, as reivindicações daqueles sujeitos sociais ligados direta ou indiretamente ao rodeio.

Seguindo essa mesma linha descritiva, porém, somada ao viés folclorista, encontramos o trabalho de Ednéia de F. Nogueira. O trabalho monográfico de conclusão do curso de Turismo, realizado na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), foi publicado como livro em 1989. É uma obra pioneira, pois, é reconhecido como o primeiro trabalho a tratar da festa do peão de boiadeiro como tema acadêmico. Porém, e muito embora a pesquisa prime pela ampla e intensa coleta de dados e informações da época nos jornais de Barretos, a autora desenvolve certa visão nostálgica e apologética da festa do peão de boiadeiro de Barretos.

Enaltecendo a ação dos “Os Independentes” de Barretos – talvez pela razão que foi elaborada: veículo de *marketing* e propaganda turística, a pesquisa distorce o processo de constituição daquela festa ao desconsiderar a relação dos membros do clube com os saberes locais e a

²³ Com essa crítica não estamos postulando um total e artificial distanciamento do pesquisador em relação a seu objeto de pesquisa, mesmo porque, esse distanciamento foi construído sobre parâmetros de uma ideia de ciência do século XIX na qual os historiadores, direcionados pelos paradigmas daquele século, preconizavam a busca da verdade contida nos documentos, e sonhavam com a interpretação correta do que realmente se dera. Entendemos que esse distanciamento artificial, bem como essa ideia de ciência positiva, há muito tempo vem sendo desconsiderada pelos movimentos de renovação do pensamento social. Todavia, também entendemos que a reflexão científica passa, necessariamente, pela objetivação do tema, pela racionalidade, pelo uso adequado de teorias, categorias de análise, conceitos e metodologia.

cultura estadunidense na época, marcada pela “política da boa vizinhança”. Ao mesmo tempo em que narra a história da festa, a autora a realiza ocultando as causalidades, as arbitrariedades, omite e oculta as relações de poder estabelecidas entre o referido clube de rodeio, a cidade, e a política local.

Ocultando-as, transforma o fato em grande feito como, se todo começo e toda origem tivessem sido planejados e edificadas por atos heroicos. Assim, ao contar a história da festa de Barretos a autora atribui, a esse fato, significados profundos, essências virtuosas e constrói uma narrativa constituída por processos lineares e contínuos. Sob esse entendimento, o referido estudo tem sua contribuição limitada em nossa pesquisa, pois, não é objetivo de nosso trabalho compreender a festa de Barretos, como também, não é nosso intento contribuir para a reprodução de visões e abordagens acríticas acerca dos eventos de Barretos bem como do rodeio brasileiro.

A dissertação de mestrado em Administração de Empresas, realizado por Álvaro Pequeno da Silva (2000), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), resultou em uma dissertação que, embora tenha rompido com certa visão descritiva, folclorista ou acrítica, também se preocupou direta e exclusivamente com Barretos.

Todavia, é um trabalho dotado de consideráveis informações estatísticas, gráficos e tabelas a respeito da cidade e da festa de Barretos. Ao priorizar em sua abordagem o caráter empresarial da festa o referido pesquisador consegue demonstrar, claramente, como os *Independentes* se apropriaram do saber e de um fato da cultura local e os transformaram em um negócio altamente rentável e de repercussão mundial.

Nesse sentido, ainda que o trabalho de Silva (2000) esteja vinculado a outra área do conhecimento e aborde exclusivamente a festa do peão de boiadeiro de Barretos, consideramos sua contribuição significativa, pois, aponta para um período histórico que anunciava a tendência de massificação e mercadorização da festa. Em outros termos, a pesquisa indica o provável caminho que seria tomado pelas grandes festas de peão de boiadeiro e as conseqüências desse processo para aquelas das pequenas cidades: a lógica liberal de mercado estava sendo incorporada por aqueles sujeitos sociais.

Já, a pesquisa de doutorado em Antropologia, realizada por Sidney Valadares Pimentel, na Universidade de Brasília (UnB), e publicada como livro em 1997, é rica na interpretação do discurso simbólico que envolve o sertão e sua “domesticação”. O autor, com o objetivo de entender a noção de sertão predominante no Brasil, parte da festa do peão de boiadeiro, entendida como instrumento de mediação entre os signos sertanejos e urbanos, para propor uma reinterpretação do sertão.

Ocorre que, em seu trabalho, Pimentel (1997) parte de Barretos, considerado “evento fundador” das festas de peão de boiadeiro do Brasil, para analisar a festa do peão de boiadeiro da pequena Pirajuba/MG. Além disso, também associou essa festa local a outras instâncias de valorização desse espaço imaginário, o sertão, bem como os gêneros musicais caipira e sertanejo e a estrutura performática das festas religiosas, em diálogo com as festas do peão de boiadeiro. Em síntese, o trabalho de Pimentel (1997), ainda que seja de longe o de maior densidade e aprofundamento teórico-conceitual em relação aos anteriores, se insere no conjunto maior de pesquisas acerca do imaginário e das representações sociais, abordagens que não são adotadas por nós no presente trabalho.

Em outro trabalho, o de Rita de Cássia Amaral (1998), encontramos um capítulo dedicado ao rodeio, especificamente, a Barretos. Esse trabalho, resultado de pesquisa de doutorado em Antropologia Social, defendido na USP, procura compreender o sentido e o significado da “festa à brasileira”. Para tanto, a pesquisadora realiza em seu estudo a interpretação de algumas grandes festas no Brasil, como o Círio de Nazaré, Parintins, Oktoberfest, Nossa Senhora de Achiropita, São João do Nordeste, Festas do Divino Espírito Santo no Centro-Oeste e a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos.

A pesquisa realizada pela citada antropóloga enfoca a capacidade que a festa possui em operar como mediadora das diferenças sociais e culturais dos diversos atores sociais e seus projetos presentes no “tempo da festa”. É um trabalho denso, vivo, que aborda e analisa as diferentes concepções teóricas acerca da festa e da festa no Brasil. Todavia, quanto à festa do peão, seu estudo se orientou basicamente por informações coletadas

no *site* oficial do clube “Os Independentes” e priorizou sua importância filantrópica junto à cidade de Barretos, ou seja, como a festa se tornou um “meio de concentração e redistribuição de bens” ao contribuir, direta e indiretamente, para a fundação, ampliação e manutenção do Hospital do Câncer de Barretos.

Quanto à dissertação de mestrado, defendida na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) com o título “Ações motrizes e representações sociais no jogo do laço no Vale do Itabapoana”, Giuliano de Assis Gomes Pimentel (1999) procura identificar nos competidores do “jogo do laço” as ações motrizes e suas representações sociais.

Ainda que distantes de nossa abordagem, em razão dos temas, objetivos, e opções teóricas, alguns pesquisadores e seus respectivos trabalhos tornaram-se nossas maiores referências. Esses são os casos de João Marcos Alem (1996) que defendeu tese de doutorado em Sociologia; Humberto Perinelli Neto (2002) que elaborou dissertação de mestrado em História; Simone Pereira da Costa (2003) que desenvolveu tese de doutorado em Ciências Sociais; Álvaro Pequeno da Silva (2007) que abordou o tema em sua tese de doutorado em Ciências Sociais; e Magno de Lara Madeira Filho (2011) que desenvolveu dissertação de mestrado em Geografia.

Embora distintos em suas propostas e enfoques os pesquisadores mencionados contribuíram significativamente para que pudéssemos interpretar a construção da festa do peão de boiadeiro de Barretos (PERINELLI NETO, 2002); a incorporação dessas festas pela indústria cultural²⁴ (ALEM, 1996); o processo de esportivização do rodeio

²⁴ A expressão indústria cultural é utilizada para definir o sistema de produção industrial e mercantil de bens culturais disseminados através dos meios de comunicação de massa e consumidos em larga escala nos contextos históricos e sociais contemporâneos. Essa interpretação se encontra em consonância com a aquela dada por Theodor W. Adorno: “Em todos os seus ramos fazem-se, mais ou menos segundo um plano, produtos adaptados ao consumo das massas e que em grande medida determinam esse consumo”. In: Gabriel Cohn (1973, p.287). Interessante notar que, no nordeste, o processo de massificação da vaquejada contribuiu, também, para o surgimento de um novo tipo de forró: o “forró universitário”. Na região do Brasil Central pecuário, a industrialização das Festas de Peão de Boiadeiro, se desenvolve a música pop-sertaneja e, no sul, mesmo com a resistência dos Centros de

(COSTA, 2003); a ressignificação da figura do peão de boiadeiro em peão de rodeio e as consequências advindas desse processo (SILVA, 2007); e a conversão do espaço da festa em espaço do consumo (MADEIRA FILHO, 2011).

Analisando o discurso da modernização brasileira e a ideia de nação, o trabalho de Perinelli Neto (2002) demonstra intensa dedicação na busca (e produção) de fontes escritas e orais. Também rico em suas análises, pois, para dar conta de seus objetivos o autor busca diferentes referenciais das Ciências Humanas, não se restringindo à historiografia. Seu aporte teórico, ainda que assentado essencialmente na História Cultural dialoga profundamente com a Antropologia, a Sociologia e a Geografia. Todavia, ainda que o consideremos um dos trabalhos com maior densidade teórica e melhor elaborado o mesmo ainda se restringe a analisar a festa do peão de boiadeiro de Barretos entre 1956 e 1972.

Diferentemente das abordagens essencialmente descritivas, folcloristas, economicistas, ou antropológicas, Perinelli Neto (2002) evidencia a existência tanto de jogo de forças quanto de uma multidimensionalidade no processo de constituição da Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos/SP. Ao identificar os diferentes sujeitos sociais, agentes, objetivos, práticas e representações sociais produzidas e disseminadas por esse evento este pesquisador enfatiza a necessidade de um pensamento complexo para abordar tal fenômeno. Em seu entendimento para que o cientista possa compreender esses eventos deve, além de buscar no passado o estoque material e simbólico que dá corpo, forma e sentido ao fenômeno, pensa-lo a partir de diversos elementos e processos históricos que vão, desde o local até o global.

Quanto ao trabalho de Alem (1996), sua contribuição está assentada no conceito *capira-sertanejo-country* elaborado pelo autor para interpretar a atual configuração do *neoruralismo* no Brasil. Contando, também, com amplo e sólido referencial teórico, dedica extenso capítulo (p.153-242) à análise do rodeio como *lócus* de produção e reprodução do discurso *neoruralista*. Mais que contribuir com o entendimento da *nova ruralidade*

Tradição, um novo tipo de música gaúcha se dissemina e incorpora o ritmo, os acordes e os instrumentos do meio urbano.

brasileira, esse pesquisador lança luz e abre caminhos para novas pesquisas que tenham o rodeio e a festa do peão de boiadeiro como temas. Mesmo que a base empírica também esteja restrita à Barretos, suas conclusões apontam para a gênese que deu origem à atual forma e sentido do rodeio brasileiro, no caso, o rodeio moderno.

Ainda que suas análises situem-se em período anterior ao reconhecimento do rodeio como esporte (2001) e não exista preocupação com o processo de espacialização desses eventos no BCP, é possível encontrar em seu estudo certa preocupação com a tendência à racionalização do rodeio e a presença, cada vez maior, da lógica concentracionista e monopolista na organização e reprodução dos eventos.

Com relação à tese de Simone Pereira da Costa (2003), esclarecemos que sua contribuição foi crucial para a construção de nosso entendimento a respeito do rodeio brasileiro. Tendo trabalhado com o Circuito de Rodeio Universitário, a pesquisadora buscou compreender primeiramente como, e porque, a cidade de Maringá/PR foi o berço dessa modalidade de rodeio.

Em sua tese de doutorado, nos capítulos 3 e 4, respectivamente, “Festas do Peão: a consolidação dos rodeios como uma mania nacional” e “Esporte e Paixão: o processo de regulamentação dos rodeios no Brasil”, Costa procura esclarecer o processo, as vias e os mecanismos que levaram o rodeio ao seu reconhecimento como esporte no Brasil. Logo, sua contribuição foi direta em nosso trabalho. Além da tese, a pesquisadora produziu e publicou artigos derivados de sua pesquisa de doutorado. Neles, Costa sintetiza a discussão travada em 2003 e abre possibilidades para novas pesquisas acerca do tema.

Todavia, nossas abordagens começam a se distanciar quanto as teorias utilizadas para compreender o processo de “esportização” do rodeio. Costa adota a perspectiva da teoria dos processos civilizadores e da individualização elaborada por Norbert Elias (1992; 1994) e aprofundada em trabalhos sobre o esporte produzidos juntamente com Eric Dunning (1992; 1995). Mesmo reconhecendo a validade e importância desta corrente teórica para compreender os processos de desenvolvimento dos esportes, nossa

opção teórica se assenta principalmente na perspectiva da Geografia Crítica em diálogo com a História Cultural do Esporte (MANDELL, 2006) e a Sociologia Crítica do Esporte (BROHN, 1976; VINNAI, 2003).

Além do aspecto teórico, certamente por razões do enfoque, bem como dos recortes temporal e espacial adotados, a autora não avança no processo de circulação e formação de uma rede mundial do rodeio, mesmo que durante o período de sua realização, já existisse o campeonato mundial de rodeio universitário. Nesse sentido, a cientista social é clara ao definir seu objeto: o rodeio universitário brasileiro. Possivelmente, em razão disso, não tenha se proposto a perscrutar a potencialidade do rodeio universitário em escala internacional.

Outro trabalho, o mais recente acerca do tema, foi elaborado por Álvaro Pequeno da Silva (2007). Em sua tese de doutorado o autor retoma uma das faces de seu objeto de dissertação de mestrado: o lugar do peão de boiadeiro na festa do peão. Nesse novo trabalho o autor demonstra refinamento teórico-conceitual e amadurecimento temático, possivelmente proporcionado pela abordagem sociológica. Em seu estudo, consegue esclarecer a estrutura social em que estão inseridos o peão de boiadas e o peão de rodeio. Operando suas análises a partir dessas duas categorias sociais, também explica o “por que” e o “como” se desenvolve o processo de inserção dessas categorias na estrutura social dos rodeios.

Por ter sua pesquisa sustentada em ampla e sólida pesquisa de campo seus resultados e conclusões puderam contribuir diretamente com o presente estudo. Os dados apresentados – festas de peão de Americana, Araçariгуana, Barretos, Jaguariúna, Mairinque e São João da Boa Vista, cidades localizadas no Estado de São Paulo – puderam ser comparados e cruzados aos levantados em nossa pesquisa. Tal procedimento permitiu corroborar a afirmação do autor em destaque quando considera que embora o rodeio tenha sido regulamentado como esporte, poucos ainda são os peões que possuem plena consciência de seus direitos e garantias trabalhistas.

Logo, o trabalho foi de grande valia, haja vista que pudemos reconhecer a existência de certa unanimidade quanto à forma como o peão de rodeio se vê e como é visto pelo público; além de constatar o desconhecimento

por parte do peão acerca da legislação que regulamenta o rodeio e o entendimento que o peão de rodeio tem acerca do rodeio como esporte ou profissão. Além disso, o autor centra seus objetivos na identificação e análise do papel do peão de boiadeiro no surgimento, efetivação e realização da festa do peão de boiadeiro na década de 1950. Ao trabalhar com recortes temporais distintos (primeira fase ou período embrionário: entre o século XVII e XIX; segunda fase ou período exibicionista: entre as décadas de 1940-1960; e terceira fase ou período da profissionalização: desde a década de 1970 até o momento atual), Silva (2007) caracteriza as atividades do peão de boiadeiro e do peão das arenas de rodeio.

Ainda que coerentes, em razão da abordagem e das dimensões recortadas para a pesquisa, as fases apontadas pelo autor quanto à história da festa do peão de boiadeiro estas não condizem com nosso entendimento. Para nós, a festa do peão de boiadeiro, entendida como evento de práticas rurais, organizado e promovido para consumo no urbano, tem seu evento fundador (Barretos) localizado em 1956 e, a partir dele, difundiu-se em ondas de maior ou menor intensidade por boa parte do Brasil Central Pecuário²⁵.

Portanto, em nosso entender, a primeira fase ou período da festa do peão de boiadeiro deve ser situada entre as décadas de 1950 e 1970, momento em que a ludicidade, o amadorismo e o localismo caracterizam esses eventos. A segunda fase, marcada por certa tendência de profissionalismo, ruptura com os localismos e autonomia do rodeio em relação às festas e exposições agropecuárias pode ser encontrada entre 1971 e 1999. E, a terceira e atual fase, iniciada a partir dos primeiros anos de 2000, contando como elementos definidores a regulamentação do rodeio como esporte, a profissionalização da atividade de peão de rodeio e demais profissionais do rodeio, e a tendência cada vez maior da “americanização” das competições,

²⁵ Utilizamos o termo Brasil Central Pecuário conforme Perinelli Neto (2009) que o concebe não como um espaço rigidamente definido e delimitado, mas, como uma região fluída constituída por laços espaciais e temporais tecidos entre fins do século XVIII e primeira metade do XX. É sob esse ponto de vista que definimos o BCP como uma área formada historicamente e culturalmente a partir de práticas econômicas e sociabilidades específicas de tropeiros, criadores de gado e boiadeiros, às quais marcariam tanto material quanto imaterialmente as áreas pastoris do sul de Minas Gerais, nordeste paulista, triângulo mineiro, sul de Goiás, sul de Mato Grosso, noroeste paulista e quase a totalidade do Mato Grosso do Sul.

das ações corporativas (capital nacional e internacional) e da conversão de competições amadoras em campeonatos com organização e lógica esportivas modernas²⁶.

Seguindo a linha de pesquisa – *caipira-sertanejo-country: a nova ruralidade brasileira* – aberta por Alem (1996), encontramos a pesquisa desenvolvida pela antropóloga Silvana Gonçalves de Paula (1999) que, em sua tese de doutorado, defendida no Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ), trabalhou com o “estilo de vida *country*” no Brasil. Ao concentrar sua pesquisa na região de Presidente Prudente/SP, entre 1993 e 1998, e realizar pesquisa de campo nos estados norte-americanos do *Texas*, *Oklahoma* e *Nevada* (setembro de 1996 a setembro de 1997), a pesquisadora fornece amplo material de consulta acerca do *habitus country* nos EUA e a forma por ele assumida no Brasil.

A esse respeito, a referida pesquisadora demonstra que o estilo de vida *country* no Brasil não configura cópia ou uma imitação do que existe nos EUA. Em seu entendimento, é inegável que a emergência do fenômeno *country* no Brasil guarda estreita conexão com a experiência norte-americana. Todavia, na sociedade norte-americana o estilo de vida *country* está associado ao labor e a não-sofisticação, ou seja, à conjugação das ideias de rusticidade e simplicidade. Assim, o ideário do *cowboy* norte-americano é construído a partir de uma identidade cujo conteúdo celebra a ideia de um indivíduo simples, digno e respeitoso, mas, avesso aos maneirismos da vida refinada das cidades e dos ambientes sofisticados e ao consumo.

Em contraposição a esse *ethos* simples e rústico, no Brasil, o *country* dialoga abertamente em favor de uma inserção da ruralidade nos critérios de civilidade urbana, uma inserção que se faz mediante o pleito da dignificação aristocratizante do ser humano. Em outras palavras, o *country* no Brasil introduz e dilui o rural no urbano. Esse fenômeno se contrapõe as fronteiras tradicionais que delimitam as áreas do campo e da cidade. Assim, o *country* estabelece uma importante área de interseção ou mesmo um

²⁶ Para Brohn (1982) o esporte moderno é produto da sociedade burguesa industrial e é inseparável de suas estruturas e funcionamento; evolui estruturando-se e organizando-se internamente de acordo com a evolução do capitalismo mundial; e assume forma e conteúdo que refletem essencialmente a ideologia burguesa.

continuum entre ambos. Ademais, no Brasil esse estilo de vida se baseia em valores que sejam capazes de evocar a ideia de distinção, de classe.

Ao trabalhar com essa perspectiva e apontar para esses resultados, o trabalho de Paula (1999) contribui para refletirmos a respeito da influência norte-americana sobre o rodeio brasileiro. Em boa medida, nos possibilitou abordar o rodeio brasileiro não como simples cópia norte-americana, mas, como resultado das transformações conjunturais pelas quais o Brasil, e os EUA passavam na década de 1990.

Outro trabalho que chamou nossa atenção foi o livro-reportagem “Além dos Oito Segundos” produzido pelos jornalistas Alisson Lopes e Thais Perregil²⁷. Resultado do Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, junto ao curso de Jornalismo da Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru em 2013, é de longe um dos trabalhos com maior aprofundamento a respeito da história do rodeio em touros no Brasil. Seu ponto forte está na pesquisa de campo, realizada tanto no Brasil quanto nos EUA.

Por meio de entrevistas realizadas com profissionais ligados direta ou indiretamente com essa modalidade de montarias os autores proporcionam uma sólida e cativante narrativa acerca do tema. Todavia – e provavelmente em razão do objetivo da pesquisa – não conseguimos reconhecer uma maior preocupação com a problematização do tema. Embora localizem no tempo os momentos em que a montaria em touros tem início no Brasil, se fortalece, e se articula com as competições nos EUA, não há qualquer indício de problematização ou maior reflexão teórica para dar conta da essência desse fenômeno. Em função dessa característica o trabalho em foco pode ser considerado um dos melhores livros que narram a história e a trajetória da montaria em touros no Brasil, mas, deixa a desejar quanto a qualquer esforço crítico ao percorrer a aparência do fenômeno.

Por fim, as dissertações de Magno de Lara Madeira Filho (2011), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do IGCE, UNESP Rio Claro; e de Andréa Firmino Gonçalves (2013), defendida junto ao

²⁷ O livro-reportagem foi publicado em formato digital e lançado em agosto de 2015 durante a Festa do Peão de Barretos/SP

Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Ambos trabalhos inovadores e pioneiros quanto ao tema e abordagem, haja vista, serem recentes e tratarem-se de trabalhos geográficos.

Madeira Filho (2011), orientado pela abordagem da Geografia do Consumo aborda criticamente a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos a partir da constituição e a transmutação do espaço simbólico da vida em signo de consumo, fato que, segundo suas palavras, faz com que esse espaço transmutado adquira valor de troca, o que inclui a entrada em cena do capital imaterial, como ocorre nas festas de peão de boiadeiro, em que o espaço tornado mercadoria na contemporaneidade, sofre diversas metamorfoses.

Ao utilizar a questão do consumo como central em seu trabalho, a produção capitalista do espaço bem como o método histórico para compreender a historicidade e os tempos da Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos seu trabalho contribuiu diretamente para corroborar tanto questões temporais quanto sociais acerca daquele evento. Entretanto, se por um lado a contribuição foi direta no que tange às questões apontadas, por outro, o trabalho de Madeira Filho aproxima-se de nossa dissertação de mestrado (2003).

Embora não tenhamos abordado a questão do consumo como o fez o referido geógrafo – pois nossa proposta era a de identificar a constituição de territórios no interior do evento analisado – ainda assim, nossos trabalhos aproximam-se, pois, naquele momento, embora estivéssemos preocupados em compreender a Exposição Agropecuária de Araçatuba/SP como lócus de reprodução do cotidiano, das tensões estabelecidas entre sujeitos em disputas pelo/no território, não deixamos de proceder à compreensão da transformação daquele evento de valor de uso para valor de troca. Ou seja, a discussão procedida por Madeira Filho (2011) encontra-se subjacente à nossa (2003).

Quanto ao trabalho de Gonçalves (2013), há significativa preocupação com o presente da Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos. Partindo do “evento fundador” ocorrido em 1956, sua pesquisa aborda o imbricamento entre “cultura raiz” e a “cultura *country*” como resultado do processo de “ou mundialização de capitais” que tendeu a incorporar as mais

diferentes áreas sociais. Em seu entender, há, em Barretos, “espaços de resistência da cultura caipira” que podem ser encontrados no Memorial do Peão, no Rancho Ponto de Pousos e na Queima do Alho.

Em nosso entender, embora façam referência a um passado, esse não é um passado que possua seus elementos de resistência à cultura e ao modo de produção dominante. Pelo contrário. Preferimos entender esses espaços e manifestações que ocorrem durante a festa do peão como apropriação de práticas e símbolos da cultura popular, ligada à pecuária, por parte de uma elite local que a reelaborou e a devolveu para as camadas populares segundo a lógica e o intento da reprodução do evento. Em suma, o peão que ali está não é o peão que existiu, mas, um simulacro daquilo que outrora viveu.

Divergimos do entendimento de Gonçalves (2013) em razão de uma compreensão de que o rodeio não passou de uma atração cuja inspiração foi encontrada junto aos peões de lida, tendo em vista que o ato de montar seria uma prática derivada da necessidade de domar os animais xucros, empregados nas fazendas criadoras de gado. Isso porque, boa parte dos fundadores de “Os Independentes” era composta por fazendeiros ou filhos de fazendeiros e que, por sua vez, residiam na cidade. Podemos sugerir, portanto, que a prática das montarias que viria a ser base do rodeio, teria sido resultado da observação desses jovens barretenses nos afazeres ligados aos homens que lhes estavam próximos, mas que não são os mesmos sujeitos sociais.

Além disso, ainda que exista no discurso dos fundadores a “homenagem ao herói anônimo do sertão” – o peão de boiadas, não foi esse sujeito e sua relação com o fazendeiro quem serviu de elemento essencial à festa do peão e ao rodeio. Ao que tudo indica, embora a cultura pastoril do BCP esteja na base sobre a qual serão constituídos a festa do peão e o rodeio, foram os peões da lida, aqueles que mais próximos estavam dos fazendeiros quem serviram como peça-chave para a organização do rodeio na festa do peão de boiadeiro em Barretos.

Na análise aqui empreendida a figura do peão de boiadas e sua presença no imaginário e sociabilidade de Barretos e região funcionaram como elemento discursivo, uma narrativa que, embora distante de suas

práticas cotidianas, pode buscar na figura análoga, ao gaúcho e ao vaqueiro nordestino, elementos materiais e simbólicos que poderiam proporcionar ao BCP seu “tipo e aspecto” regional. Considerando que até a década de 1950, Barretos concentrou as atividades frigoríficas do BCP e, nas décadas seguintes perdeu sua hegemonia para outras regiões como, Araçatuba/SP, Presidente Prudente/SP e Andradina/SP, a construção de uma imagem de sertão e de seu domador serviriam, também, para sintetizar aquilo que certa parcela da sociedade barretense pretendia que Barretos fosse convertida: o centro dinâmico pioneiro da pecuária brasileira e do qual formou-se e difundiu-se uma economia, cultura e sociabilidade pastoril específica e que caracterizaria o BCP (PERINELLI NETO, 2002).

Assim, como se pode perceber, os trabalhos existentes acerca do tema são poucos e não mantêm grande proximidade teórica ou conceitual. Em nossa jornada – que não é curta – nos deparamos com um conjunto multifacetado de pesquisas que, em razão da riqueza do tema, sugerem a necessidade da realização de trabalhos científicos tanto sobre o rodeio e quanto a festa do peão.

1.4. Objetivos

Considerando o significado e a importância que tanto as festas do peão de boiadeiro quanto o rodeio assumiram ao longo de seus 60 anos de existência procuramos, nesta tese, verificar em que medida as transformações ocorridas principalmente nos últimos trinta anos, tanto nas festas de peão de boiadeiro quanto nos rodeios do Brasil Central Pecuário (BCP), guardam relações ou não com as mudanças ocorridas nos rodeios dos Estados Unidos da América (EUA). Assim, o objetivo geral deste trabalho é abordar trajetória geográfica do rodeio a partir dos EUA para, então, analisar compreender de que maneira as mudanças ocorridas nos eventos do BCP relacionam-se com um movimento maior de transformações desse território em nível mundial.

Para tanto, como objetivos específicos priorizamos: i) compreender a história do rodeio nos EUA. Procuramos, dessa maneira, identificar e analisar as diferentes fases e processos de constituição, estruturação, e funcionamento do território esportivo nos EUA; ii) buscar nas

práticas laborais e festivas do BCP os elementos que constituirão a base bem como fornecerão os elementos materiais e simbólicos para o acontecimento da festa do peão de boiadeiro e o rodeio; iii) identificar nos primeiros eventos ocorridos no estado de São Paulo o valor de uso, a ludicidade e o amadorismo presentes tanto da festa quanto do rodeio; iv) entender a relação entre difusão desses eventos no interior de São Paulo e a tendência à profissionalização do rodeio; v) analisar a relação entre os primeiros circuitos de rodeio, novos agentes e sujeitos sociais, as relações de poder estabelecidas e a regulamentação do rodeio como esporte profissional no Brasil; vi) entender a atualidade desse fenômeno, em todas as suas dimensões, a partir da territorialização da PBR no Brasil.

1.5. Metodologia

Como método de abordagem do fenômeno optamos pela teoria crítica associada à lógica histórica elaborada por Edward Palmer Thompson (1979; 1981; 1997). Na busca de uma definição/distinção entre espaço e território, nossas reflexões foram pautadas nas propostas e entendimentos sugeridos, dentre outros autores, por Milton Santos (1988; 1994; 1997; 1998; 1999), Claude Raffestin (1993), Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1997) e José Gilberto de Souza (2009).

A escolha pela lógica histórica está baseada no alerta deixado pelo referido historiador inglês de que a recusa pela investigação empírica confina a mente a seus próprios limites, daí a relevância do diálogo constante entre conceituação e confrontação empírica, interrogando invariavelmente os “silêncios reais”, uma vez que é no processo histórico, a partir das experiências do cotidiano, que se dá a elaboração dos valores, da cultura. É no silêncio, nas lacunas daquilo que muitas vezes não foi dito que podemos encontrar os nexos que darão elementos ao pesquisador elucidar o fenômeno abordado em sua totalidade.

Além de valorizar o diálogo entre teoria e trabalho de campo optamos por esse método de abordagem (e interpretação) na medida em que,

sendo revisionista da teoria marxista, não abandona seus fundamentos. Pelo contrário. Entre 1950 e 1970 a insatisfação com as abordagens deterministas, características do marxismo da época, levou Thompson (1979; 1981; 1997) a ocupar-se em questionar e revisar criteriosamente tanto a teoria quanto os conceitos do materialismo histórico.

Seus trabalhos, além de contribuírem para reforçar a envergadura do materialismo histórico enquanto método de abordagem dos fenômenos sociais (historicidade, diacronia, totalidade, contradição, superação) e ratificarem o potencial explicativo de seus conceitos e categorias (classe social, luta de classes, consciência de classe, relações de produção) atualizaram o arcabouço teórico-conceitual herdado. Ao introduzir em seus estudos as categorias *experiência* e *cultura*, articuladas aos conceitos já existentes, aprimorou o materialismo histórico como teoria ao mesmo tempo em que ampliou sua capacidade explicativa tornando seus conceitos mais operacionalizáveis e, conseqüentemente, aplicáveis a diferentes temas que não a tradicional luta de classes.

Mais claramente, a teoria thompsoniana, ao defender a necessidade do diálogo permanente entre teoria e evidências no processo de construção do conhecimento científico, portanto, valorizar a dialética entre teoria e trabalho de campo; considerar a categoria experiência como ponto-chave para a compreensão de que a classe social não existe somente a partir de sua posição em relação aos meios de produção, mas, que efetivamente se constrói a partir das experiências históricas, conquistas e derrotas apreendidas por homens e mulheres concretas; e compreender que a cultura, enquanto resultado da experiência vivida, além de pensada, é também sentida pelos sujeitos em seu cotidiano de normas, costumes, práticas e representações sociais, que optamos por essa abordagem.

Dessa maneira acreditamos na possibilidade de tomar o território do rodeio não como algo pronto, acabado e absoluto, mas, como fenômeno histórico produzido por homens reais, em suas relações sociais cotidianas e que, ao contrário do que apregoa o determinismo econômico, pensam, agem, aspiram e reagem histórica e socialmente. Ainda que perpassados pela ideologia dominante é por meio de suas experiências

cotidianas que os homens vivem, sentem, constroem e incorporam valores, normas, costumes, logo, fazem-se em sua cultura. Em outros termos, é no cotidiano, em suas relações sociais, que os homens produzem e reproduzem o espaço geográfico e os territórios.

Compreender o espaço geográfico e o território sob esse viés é admitir que o poder e a dominação não se localizam apenas no aparelho de Estado ou no nível do econômico, mas, engendra mecanismos de controle que se materializam em todo um processo de disciplinarização da população que é, por sua vez, direcionado por e a partir de sujeitos dotados de poder e interesses muitas vezes divergentes, mas, ligados à lógica do capital (THOMPSON, 1998).

Sob esse entendimento a dominação, enquanto relação desigual de forças acaba por atravessar toda a atividade social, desde o trabalho, escola, família, até as formas aparentemente mais ingênuas de lazer e diversão (FOUCAULT, 1979, 1995, 1998; KHOURY, PEIXOTO, VIEIRA, 1995). Ao mesmo tempo em que disciplina a população, o poder é convertido e se manifesta sob a forma de dominação, historicamente expressa nos diferentes modos-de-produção.

Desse feito, podemos vislumbrar que a complexidade do real abre vasto campo de possibilidades ao pesquisador, pois passamos a entender que os papéis sociais desempenhados pelos sujeitos não são fixos ou determinados. A nosso ver são improvisados e ultrapassam uma suposta racionalidade que muitas vezes o pesquisador atribui ao processo histórico. O pesquisador, pensando assim o espaço geográfico e os territórios, se defronta com o desconhecido e o inesperado. Em razão disso, o instrumental com que vai trabalhar ajuda-o muito mais a perguntar que responder (THOMPSON, 2010).

Logo, para nós o processo de investigação, embora careça de um arcabouço teórico-metodológico que o direcione e que esteja à disposição para o desenvolvimento da investigação acreditamos que o mesmo não cabe em esquemas prévios, rígidos ou pré-estabelecidos. Também quanto às categorias, asseveramos que as mesmas servem de apoio ao trabalho, mas, que serão construídas e reconstruídas no decorrer da pesquisa em um

movimento espiralado no qual os dados da pesquisa de campo dialogam com a teoria levando à sua expansão, revisão ou mesmo em sua substituição (GUIMARÃES, 2003; KHOURY; PEIXOTO; VIEIRA, 1995; MINAYO, 2011; THOMPSON, 1981; 2010).

Ao passo que o pesquisador reconhece que o espaço e os territórios são construídos por sujeitos históricos em luta, em relações de poder de intensidade e magnitude distintas, e que seu objeto não é estático, mas, está em constante movimento e que esse movimento é contraditório, esperamos que recuse a ideia de que o acontecer histórico – no caso, os territórios – obedece a uma lógica rígida. Desse modo poderá buscar outra lógica que dê conta do movimento e da contradição: a lógica histórica (THOMPSON, 1981).

Priorizar categorias fixas, abstratas, instituídas, puramente analíticas, em detrimento da leitura e do fluir do movimento real significa perder de vista os processos que dão corpo, forma, sentido e função a esse real. Isso porque, todo conceito deve ser pensado historicamente, pois é constituído, em determinado momento do processo histórico, por homens reais, concretos, com interesses, valores que também são reais e concretos. Desta sorte, não poderemos falar em “condições objetivas” como sendo forças externas, independentes da vontade humana. Isso daria margem para uma visão mecanicista da história.

Em contrapartida, se considerarmos que os homens modificam o processo social ao mesmo tempo em que são por ele modificados, ou que os homens modificam o espaço geográfico ao mesmo tempo em que são por eles modificados, não mais falaremos em leis determinantes, mas, em pressões exercidas pelos próprios homens. Pressões determinantes, isto é, localizadas, determinadas e não determinantes. Nessa perspectiva, “condições objetivas” passam a ser entendidas como resultado do processo histórico da ação humana no mundo material e imaterial, na produção e reprodução do espaço geográfico e da vida humana.

Na constituição da “consciência, [da] objetivação e [da] vida: projeção humana, incursão perpétua para o devir, o que necessariamente implica a relação com os outros homens e produz o território” (SOUZA, 2009,

p.110). Isso conduz a operar com uma noção de objetividade histórica pensada como as condições particulares específicas em que os homens empreendem suas atividades cotidianas.

Seguindo a orientação da lógica histórica os procedimentos metodológicos – conceitos, categorias, técnicas – não são evidentes passo a passo. Pelo contrário. São construídos, forjados no diálogo entre pesquisador, objeto e suas fontes. Em suma, são formulados, mais claramente, no decorrer da pesquisa com o intuito de fazer com que o objeto emergja no emaranhado de suas mediações e contradições. É, portanto, a busca por recuperar, mesmo que parcialmente, a maneira como o fenômeno abordado foi constituído historicamente, tentando reconstituir ao mesmo tempo sua razão de ser ou a de aparecer a nós segundo seu movimento de constituição.

Não existindo em si e com sentido próprio é no processo de investigação, do qual fazem parte o pesquisador e sua experiência social – ao invés de determiná-lo em classificações e compartimentos fragmentados – que o objeto passará a existir (BLOCH, 1941; THOMPSON, 1987; 2010). Portanto, assumir a lógica histórica como norteadora de nossas abordagens significa adotar uma postura científica que busque “recuperar caminhadas, programas fracassados, derrotas e utopias, pois nada nos garante que o que ganhou foi sempre o melhor” (THOMPSON, 1987, p.13).

Nessa empreitada o pesquisador se coloca como sujeito ativo no processo de formalização de seu objeto, pois deve posicionar-se ininterruptamente fazendo opções, escolhendo e forjando caminhos no diálogo contínuo com os sujeitos sociais envolvidos em seu estudo, com os autores de seu referencial teórico e com sua própria visão de mundo. Desse modo, compreender a atualidade do espaço geográfico, a constituição e o funcionamento dos territórios pressupõe buscarmos no passado as diversas formas de dominação e resistência humanas expressas nas diferentes relações de poder e que foram estabelecidas entre os sujeitos históricos.

Por esse viés acreditamos ser possível identificarmos como e por quais meios a dominação e a resistência foram realizadas ao mesmo tempo em que possamos localizar o(s) momento(s) da constituição, de mudança(s), de transformações do(s) território(s), ou seja, que consigamos

conceber “as diferenças de poder e as mudanças nas organizações sociais que representam as mudanças nas representações de poder” (SOUZA, 2009, p.114).

Ao compreender o processo, incorporá-lo como experiência e pensá-lo no presente como síntese histórica, o pesquisador coloca-se como ser político que busca possibilidades para o futuro ao mesmo tempo em que se constitui como sujeito do conhecimento. Isso porque, ao tentar recuperar uma dimensão do passado para ler o presente o pesquisador dialoga com sujeitos sociais ativos naquele tempo e outros atuais envolvidos na questão sobre a qual se debruça.

Enfim, é nesse movimento que o espaço pode revelar seus territórios e suas diferenças. Sua multiplicidade de tempos e suas rugosidades (SANTOS, 1999). Não que venha a falar por si, mas, por meio da investigação que pode trazer à tona os sujeitos, os interesses, as relações de poder, as instituições e as normas que conformam as diferenças dos territórios. Diferenças essas que não são apenas culturais ou identitárias, mas, institucionais e econômicas.

São diferenças plasmadas pelos tempos do capital. Pela sobreposição ou coexistência de tempos em termos de técnica, de capital morto e de sua relação direta com o trabalho, o que altera sobremaneira sua composição técnica e orgânica. O tempo é materializado no espaço por meio do trabalho,

as técnicas que são datadas e incluem tempo, qualitativamente e quantitativamente. As técnicas são uma medida do tempo: o tempo do processo direto de trabalho, o tempo da circulação, o tempo da divisão territorial do trabalho (SANTOS, 1999, p.45).

Não obstante, ainda que reconheçamos a polissemia e o intenso debate em torno dos termos espaço e território, salientamos que não é de nosso interesse aprofundar ou mesmo abordar tal questão epistemológica. Também esclarecemos – conforme exposto anteriormente – que embora admitamos a necessidade e importância do debate acadêmico teórico-conceitual, ou mesmo da episteme da Geografia, entendemos que assumir tal querela nos levaria a fugir da proposta deste trabalho.

Mesmo acontecendo em concomitância e, em constante diálogo, podemos concordar com Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1997, p.2) quando afirma que “a estrada é a raiz da práxis”. Trata-se de um trabalho teórico-empírico. Em complementação a esse argumento, nos reportamos aos apontamentos de Antonio Thomaz Júnior (1991, p.17), quando esclarece que o trabalho de campo é a “alternativa concreta de se viabilizar teoricamente o propósito de ultrapassar a reflexão intra-sala de aula, como forma de executar/praticizar a ‘leitura’ do real, sendo assim, um momento ímpar da práxis teórica”.

Para nós, a importância do trabalho de campo apontada pelos citados geógrafos foi demonstrada desde a realização das primeiras viagens de reconhecimento nos rodeios. Foi durante essa etapa de trabalho que os conceitos e teorias inicialmente adotados se mostraram insuficientes ou frágeis para dar conta da envergadura do objeto que se revelava a nossos olhos. Em outras palavras, foi a partir dos primeiros contatos empíricos com o tema que percebemos que o mesmo se mostrava impermeável, impenetrável, inacessível, intangível, refratário às categorias e conceitos que estávamos utilizando para abordá-lo.

Como resultado desses primeiros contatos, tornou-se claro que precisávamos, primeiramente, compreender o processo em curso quanto ao tema para, posteriormente, retornar à sua formalização. Daí a importância da lógica histórica. É nesse momento que o levantamento, seleção e análise de fontes se mostrou crucial. Em boa medida, sentíamos a necessidade de buscar indícios, subsídios, fontes, que pudessem nos auxiliar na compreensão das mudanças pelas quais o rodeio passava. Assim, selecionamos e organizamos as fontes em dois conjuntos: as escritas e as orais.

No primeiro conjunto de fontes estão as publicações de revistas brasileiras especializadas (*Rodeo Country*, *Rodeo News*, *Rodeo Life*, *Terra Nativa*, *Rodeo Country Magazine*, e *Revista do Cavaleiro*); sites (PBR, CNAR, PRCA, LNR, TVRodeio), Guia PBR-EUA com informações sobre atletas, patrocinadores, circuitos, touros, recordes (*PBR Media Guide* 2007, 2008, 2009); e obra biográfica (Adriano da Silva Moraes) ligados ao tema da

pesquisa²⁸. Também fazem parte desse grupo notícias e reportagens publicadas na imprensa, como jornais (O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo) e revistas diversas de circulação nacional (Globo Rural, Veja, Manchete, Placar).

O segundo grupo é composto por documentos elaborados a partir do trabalho de campo e foi dividido em entrevistas abertas²⁹, questionários fechados e registros etnográficos. As entrevistas abertas foram dirigidos à pessoas com histórias de vida ligadas diretamente ao rodeio e às mudanças pelas quais passou. Os questionários fechados foram dirigidos tanto aos diversos profissionais do rodeio (Anexo 2) quanto às pessoas que frequentam ou não esses eventos. Quanto aos documentos etnográficos, esses são resultado da observação e registro detalhado dos comportamentos das pessoas e funcionamento das festas visitadas em nosso trabalho de campo.

Quanto à sistematização desses dois conjuntos de fontes – escritas e orais, as primeiras a serem sistematizadas e organizadas foram as escritas. Nessas, realizamos a leitura, seleção e catalogação de artigos; notas; entrevistas; calendários de eventos; campeonatos; circuitos e *ranking* de competidores. Paralelamente à leitura das fontes escritas, ainda em 2007, frequentamos duas festas de peão de boiadeiro – Bilac/SP (05 a 08 de abril) e Clementina/SP (20 a 23 de setembro) – com a finalidade de observarmos preliminarmente, desde a abertura até o encerramento dos eventos, seus mecanismos e funcionamento, os sujeitos sociais envolvidos e estabelecermos os primeiros contatos com os profissionais do rodeio.

Realizadas as primeiras observações e diálogos com as fontes existentes, notamos a necessidade de recorrer a um segundo conjunto de

²⁸ A fonte escrita mais antiga de que dispomos é de fevereiro de 1992 (**Rodeio News**. São José do Rio Preto, Enigma, ano I, n.1, jan/fev, 1992) e a mais recente, de fevereiro de 2009 (**Rodeo Country**. São Paulo, ArtPrinter, ano XI, n. 80, fev/mar, 2009). Assim, em termos de fontes escritas, conseguimos abordar boa parte das transformações pelas quais o rodeio brasileiro passou.

²⁹ Optamos por transcrever os depoimentos sem adequá-los à norma culta da linguagem. Assim, todos os depoimentos de nossos informantes foram utilizados em sua forma original. Tal opção se justifica pela heterogeneidade social, econômica e cultural verificada em nossos colaboradores durante os contatos e as entrevistas realizadas. Acreditamos que, assim, podemos identificar e melhor compreender a visão de mundo e o universo social de cada informante. Além disso, pode demonstrar a desigualdade social existente nesse universo relacional.

fontes. Assim, optamos pela história oral temática³⁰ como base para a sistematização, orientação da coleta de dados e elaboração de documentos. Optamos por esse ramo da história oral em razão da capacidade explicativa que esse tipo de abordagem possui, pois, ao possibilitar que o pesquisador estabeleça questionamentos específicos a determinados sujeitos sociais que, direta ou indiretamente, mantiveram relação com o evento, contribui direta e decisivamente para a compreensão e análise do evento ou situação a ser esclarecida (MEYHI, 1996).

Nesse processo de levantamento e seleção de nossos informantes, levamos em conta suas trajetórias de vida no “mundo do rodeio”³¹. Esse procedimento foi realizado com base nas informações e dados obtidos pela leitura de nossas fontes escritas. A partir de um conjunto prévio de colaboradores selecionados, preparamos e organizamos nossos procedimentos metodológicos para a realização das entrevistas. Nosso conhecimento anterior da cultura que envolve o “mundo do rodeio”, dos grupos e da cultura que compõem esse universo social também serviu como ponto de apoio à escolha dos entrevistados, na formulação do problema e no encaminhamento das entrevistas.

Mais precisamente, nossa história de vida proporcionou familiaridade com o objeto de pesquisa, facilitando e possibilitando maior segurança na elaboração do roteiro de entrevistas bem como no contato com nossos informantes e na interpretação de palavras, comportamentos e símbolos próprios daquele universo social e cultural. Além disso, em nosso caderno de campo estão registradas nossas impressões sobre os

³⁰ Considerando a existência de três principais ramos da história oral: história oral de vida, história oral temática e tradição oral, nossa opção central foi pelo segundo ramo. Todavia, não excluímos o uso da história oral de vida em nossas entrevistas. Contudo, não é do escopo de nossa pesquisa adentrar no debate em torno da definição do *status* científico da história oral. Isso porque é de nosso conhecimento o acirrado debate que atualmente se trava no âmbito da pesquisa em história oral quanto a defini-la enquanto método, disciplina ou técnica de pesquisa (MEIHY, 1996). Enquanto elemento constituinte de nossa metodologia consideramos fundamental seu uso na presente pesquisa. Isso porque, possibilitou meios necessários e eficientes para a seleção dos colaboradores, coleta dos depoimentos, produção de documentos e interpretação dos mesmos.

³¹ Utilizamos a ideia de “mundo dos rodeios” conforme aquela utilizada por Costa (2003, p.9) que, baseada em Becker (1977), o considerou como “a totalidade de pessoas e organizações cuja ação é necessária à produção do tipo de acontecimento e objetos caracteristicamente produzidos por aquele mundo”.

comportamentos, as reações, os silêncios, as preocupações e as formas como fomos recebidos por nossos colaboradores.

Durante essa fase, pudemos reconhecer a existência de uma multiplicidade de sujeitos sociais que dão forma, sentido e conteúdo ao território do rodeio no BCP. Acreditamos que essa diversidade de colaboradores é, ao mesmo tempo, uma necessidade e uma das qualidades da história oral temática. Mesmo porque, “a lição importante é [...] estar atento àquilo que não está sendo dito, e a considerar o que significam os silêncios. Os significados mais simples são provavelmente os mais convincentes” (THOMPSON, 1992, p.32).

Para nós, mais que os silêncios, foram as redundâncias de palavras e frases nas vozes de nossas fontes orais que incidiram diretamente pelo repensar e, posterior, redirecionamento da pesquisa. Isso porque, alguns termos eram constante e intensamente frisados, repetidos, ecoados nas vozes de nossos entrevistados – esporte, profissionalismo, atletas do rodeio, *bull riding*, globalização do rodeio, profissão lucrativa, uniformização e padronização de regras – que apontavam para uma diversidade de formas, sentidos, significados e práticas do que se denominava “rodeio” no Brasil.

De certo modo, nesse percurso não somente nos deparávamos com a alteridade, mas, também, com a similaridade, reciprocidade e complementaridade existente entre certos eventos em nível nacional e internacional. Ao mesmo tempo em que as primeiras investigações de campo foram desvendando a realidade atual do rodeio, em sua dinâmica própria, pudemos perceber que o moderno não é o novo, mas, o velho reelaborado, ressignificado.

1.6. A organização dos capítulos

Além desta parte introdutória a tese está dividida em seis capítulos e as considerações finais. No primeiro capítulo intitulado “Era uma vez no Oeste: das práticas rurais ao território do rodeio nos Estados Unidos da

América” abordamos a forma pela qual os elementos da cultura pastoril hispano-americana foram apropriados, reelaborados e ressignificados na cultura estadunidense no processo denominado “Marcha para Oeste”. Em seguida, procuramos demonstrar o processo de conversão dos espetáculos do “Oeste Selvagem” em competições formalizadas sob a lógica organizacional dos esportes nos EUA. Por fim, ainda nesta parte do trabalho discutiremos acerca da formação e transformação do território rodeio naquele país.

No capítulo 2 intitulado “Sobre tropas, boiadas, circos-tourada e exposições agropecuárias: práticas sócio-espaciais na base do rodeio do Brasil Central Pecuário” procuramos identificar os elementos materiais e simbólicos bem como as práticas sociais do BCP que forneceram a base sobre a qual tanto a festa do peão de boiadeiro quanto o rodeio foram estruturados.

Na sequência, no capítulo 3, denominado “Localismo, ludicidade e amadorismo: a primeira fase do rodeio do Brasil Central Pecuário (1950-1970)” procuramos evidenciar as dimensões que caracterizaram esse primeiro momento da festa do peão e do rodeio.

No capítulo seguinte, “Difusão, trabalho e mercado: a segunda fase do rodeio no Brasil Central Pecuário (1971-1990)” analisamos o processo de difusão espacial das festas do peão de boiadeiro. Procuramos identificar, a partir das práticas, ações e objetivos dos diferentes sujeitos sociais envolvidos os desdobramentos desse processo para os sentidos, os significados do território do rodeio.

No capítulo 5, intitulado “Expansão, profissionalismo e empresa: a terceira fase do rodeio do Brasil Central Pecuário (1991-2000)”, refletimos tanto sobre as novas formas de apropriação do território do rodeio quanto a respeito da tensão entre os “profissionais do rodeio” e os “ambientalistas”. Procuramos, nessa parte do trabalho, demonstrar de que maneira a entrada de novos sujeitos sociais estranhos ao “mundo do rodeio” proporcionou às principais diretorias de clubes de rodeio a experiência necessária para imprimir uma nova lógica organizacional e operacional no território.

Já, no capítulo final, nomeado “Da regulamentação à internacionalização do rodeio: a quarta fase do território do rodeio do Brasil

Central Pecuário (2001-2006)” analisamos as condições tanto supra quanto infraestruturais criadas pela aprovação da lei federal 10.220/2001 para a entrada da PBR no Brasil em 2005.

Contudo, cabe a ressalva de que essa é apenas uma tentativa de formalizar uma reflexão iniciada há vários anos e ainda não encerrada. Se é que um dia o será. O uso do artigo indefinido (uma) enfatiza que este trabalho não pretende responder a outras questões que se fizerem presentes a partir de sua leitura. Pelo contrário. Cabe a ressalva que possivelmente nem todas as questões por nós propostas podem ter sido plenamente respondidas a contento, restando admitir como sempre é preciso, que outros estudos serão necessários para um maior conhecimento a respeito do tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho procuramos demonstrar que desde seu evento fundador o rodeio estruturou-se como território específico, diferenciado embora ainda ligado à festa do peão. Também buscamos evidenciar as profundas transformações pelas quais passou. Transformações essas que, conforme nosso entendimento, resultaram da entrada de novos sujeitos sociais dotados de projetos diferenciados, novas práticas, novas relações sociais, novos símbolos e normas no território. Em outros termos, ao longo de sua trajetória o rodeio passou por diferenciadas formas de apropriação de seu território em razão da entrada de novos sujeitos sociais que passaram a operar em sua estruturação e funcionamento. Sujeitos esses que dotados de poder e objetivos variados imprimiram novas formas, sentidos, e funções ao rodeio permitindo que pudéssemos sugerir a existência de diferentes tempos ou fases do território do rodeio do BCP.

A partir da lógica histórica, da noção de evento proposta por Santos (1999) e de território proposta por Raffestin (1993), complementada por aquela sugerida por Souza (2009), elaboramos aquilo que entendemos como trajetória do território do rodeio em quatro fases: a primeira entre 1950 e 1970, a segunda entre 1971 e 1990, a terceira entre 1991 e 2000, e a quarta entre 2001 e 2006.

Em cada uma das fases procuramos localizar e apontar os elementos que compõem as partes constituintes do território: os sujeitos sociais e as relações sociais estabelecidas, os símbolos e suas representações, as normas que evidenciam os sentidos dos símbolos e relacionam-se com o conjunto de elementos pactuados, e a identidade construída e partilhada socialmente entre os integrantes desse território.

Reconhecendo que o tempo na Geografia é identificado com a noção de evento (SANTOS, 1999) procuramos identificar os sujeitos sociais e delimitar suas ações, as quais foram fundamentais para a existência de fases do rodeio. Por sua vez, foi a pesquisa de campo e a análise das fontes que nos permitiram identificar e localizar os eventos e sujeitos sociais responsáveis pelas mudanças no território. Com o intuito de consolidar nosso entendimento a respeito do fenômeno pesquisado, abaixo sintetizamos nosso entendimento de cada uma das diferentes fases do território do rodeio do BCP:

Tabela 3 - Fases e Elementos Constitutivos do Território do Rodeio do BCP

Fases Elementos	1ª FASE 1950-1970	2ª FASE 1971-1990	3ª FASE 1991-2000	4ª FASE 2001-2006
Sujeitos Sociais/Relações de Poder	Proprietários Rurais, Pecuaristas, Fazendeiros, Peões de Fazenda, Comunidade	Proprietários de Companhias de Rodeio, Tropeiros, Boiadeiros, Peões de Rodeio e de Fazendas, Sindicatos Rurais, Prefeituras Municipais, Clubes de Rodeio, Locutores, Juízes	Imprensa, Federação e Confederação Nacional de Rodeio, Empresários de Rodeio, Empresas Promotoras de Eventos, Tropeiros, Boiadeiros, Peões de Rodeio, Clubes de Rodeio, Prefeituras Municipais, Patrocinadores, Juízes, Locutores	Imprensa, Empresários e Promotores de Rodeio, Empresas Internacionais Promotoras de Rodeio, Empresas de Genética Animal, Tropeiros, Boiadeiros, Peões de Rodeio, Patrocinadores, Juízes, Locutores, Comentaristas
Elementos Simbólicos /Representações	Peão de Boiada, O Transporte de Gado	Peão de Boiada, Peão de Rodeio, Cowboy de Rodeio	Peão de Cutiano; Cowboy de Touro, Bareback, Sela Americana	Atleta de Rodeio
Norma/Elementos Pactuados	Montarias e Instrumentos Semelhantes aos Utilizados no Processo de Doma em Fazendas. Ausência de Regras e Uniformidade nas Competições	Regras e Instrumentos Inspirados no Rodeio dos Estados Unidos da América, Diversidade de Sistemas de Pontuação	Regras Pactuadas e Uniformizadas por Entidades que Passam a Organizar os Circuitos e Campeonatos de Rodeio Nacionais	Regulamentação da Profissão de Peão de Rodeio, Regras Pactuadas e Uniformizadas por Circuitos e Campeonatos de Rodeio Nacionais e Internacionais
Identidade Subjetiva /Representação do Território	Busca e Reforço do Passado Agropastoril do BCP em Contraposição ao Sul (Rodeio Gaúcho) e ao Nordeste (Vaquejada)	Difusão e Modernização do Peão de Boiadeiro do BCP Mesclando-o a Elementos do Cowboy do Velho Oeste Americano	Negação da Imagem do Peão de Boiadeiro, Reforço, Difusão e Reificação do Estereótipo do Cowboy de Rodeio Profissional Norte-Americano	Esvaziamento da Imagem do Peão de Boiadeiro, Reforço e Difusão da Imagem do Cowboy Profissional Norte-Americano

Elaboração: Cesar Gomes da Silva

Tabela 4 – Fases e Sujeitos Sociais Organizadores da Festa do Peão e Rodeio

Territórios	Festa do Peão	Rodeio
Fases		
1ª FASE 1950-1970	Grupo de Pessoas da Comunidade (População urbana e rural)	Fazendeiros, Peões de Fazenda e de Boiada da Comunidade (População Rural)
2ª FASE 1971-1990	Grupo de Pessoas da Comunidade (População Urbana)	Proprietários de Companhias de Rodeio e/ou Tropas, Peões de Fazenda, de Boiada, e de Rodeio
3ª FASE 1991-2000	Grupos de Pessoas da Comunidade (População Urbana)	Proprietários de Companhia de Rodeio, Tropeiros, Boiadeiros, Peões de Rodeio, Empresas de Eventos
4ª FASE 2001-2010	Grupos de Pessoas da Comunidade (População Urbana) e/ou Empresas Especializadas em Eventos	Empresários de Companhias de Rodeio, Empresas de Eventos e Shows, Empresas Especializadas em Rodeio, Profissionais do Rodeio que Diversificam Suas Atividades
Elaboração: Cesar Gomes da Silva		

Tabela 5 - Eventos que Demarcam as Fases do Território do Rodeio

Tempos	Evento(s)	Sujeitos Sociais
1ª FASE 1950-1970	Primeira Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos (1956)	Clube “Os Independentes”
2ª FASE 1971-1990	Formalização e Uniformização das Primeiras Regras (década de 1970)	Tropeiros e Proprietários de Companhias de Rodeio
3ª FASE 1991-2000	Primeiros Circuitos Nacionais de Rodeio – Espora de Ouro (1991) e Fivela de Ouro (1991)	Organizações Globo e Grupo Bloch (TV Manchete e Revista Manchete) e Cia de Rodeio Paulo Emílio
4ª FASE 2001-2010	Peão de Rodeio equiparado a atleta profissional (2001) – Lei 10.220/2001	Diretorias de Rodeio, Deputados Federais, Artistas Sertanejos, Entidades de Classe Ligadas ao Rodeio
Elaboração: Cesar Gomes da Silva		

A interpretação das informações contidas nas tabelas 3, 4 e 5 nos permite afirmar que em sua primeira fase (1950-70) o rodeio era realizado por sujeitos locais, ligados direta ou indiretamente com a pecuária, fato que colocava o peão de boiadas e de fazenda como elementos centrais de sua existência. Tão logo, tanto os elementos simbólicos quanto as normas que regulavam sua realização fundavam-se no mundo rural e pecuário da região imediata de Barretos/SP.

Os animais para as montarias, o formato das exhibições bem como os objetos utilizados para as mesmas não eram estranhos ao lugar. Pelo contrário. Provinham das fazendas da região, de seus usos e práticas cotidianas. Com isso, a partir de Barretos/SP estava sendo construída certa identidade ao BCP. Identidade essa que segundo Perinelli Neto (2002) se fundava na valorização da imagem do peão de boiadas como símbolo e representante de um momento da história regional em contraposição ao vaqueiro nordestino e as vaquejadas bem como do campeiro gaúcho e os rodeios tradicionalistas.

Em seguida, a partir da década de 1970, é possível identificar que a atuação das companhias de rodeio foi fundamental para o início de uma nova fase do território do rodeio. A difusão (tabela 6) desses eventos no estado de São Paulo bem como em áreas que compõem o BCP possibilitou que novas relações sociais bem como novas formas de apropriação do território fossem engendradas.

Tabela 6 – Difusão da Festa do Peão de Boiadeiro no Estado de São Paulo

1ª FASE 1950-1970	2ª FASE 1971-1990	3ª FASE 1991-2000	4ª FASE 2001-2010	TOTAL
10	185	162	71	428

Elaboração: Cesar Gomes da Silva

Conforme demonstra a tabela 6 o crescimento numérico desses eventos foi significativo durante a segunda fase do rodeio (Mapas 1 e 2). Esse crescimento, por sua vez, significou para os peões, tropeiros,

proprietários de boiada, locutores, e juízes de rodeio uma nova oportunidade de trabalho, uma profissão ligada às competições do rodeio. Com isso, os elementos simbólicos bem como as normas que regem o território sofrerão alterações.

O peão de boiadas ou de fazendas, que eram a peça-chave da existência do rodeio e que em torno deles, toda uma rede de significados foi construída, foram substituídos pela figura do peão profissional de rodeio que, em larga medida, assumia gradativamente recortes estadunidenses tanto em sua forma de vestir quanto no formato das competições. A identidade sugerida anteriormente começava a se afastar daquela aproximando-se gradualmente do discurso e dos processos de modernização do campo, urbanização e industrialização brasileiras. O velho peão de boiadas ou fazendas bem como seus utensílios e práticas sociais seriam, dessa maneira, lentamente substituídos por outras práticas e representação sociais: a do *cowboy* e as regras dos rodeios dos EUA.

Já, entre 1991 e 2000 podemos identificar a presença de um conjunto mais amplo e heterogêneo de sujeitos sociais bem como estranhos ao rodeio. Além das companhias de rodeio, tropeiros e proprietários de boiadas, e demais profissionais já existentes e atuantes no território, a imprensa e a mídia, empresários e promotores de eventos bem como patrocinadores passam a operar ativamente nesse território. Com isso, uma nova forma de apropriação e relações de poder se materializarão no rodeio.

No caso da mídia e imprensa, esses são os casos das redes de televisão e revistas especializadas nesse segmento. No primeiro grupo as Organizações Globo e o Grupo Bloch trouxeram uma nova lógica organizacional ao rodeio. No momento em passam a operar em conjunto e sintonia com os principais clubes e profissionais de rodeio, para a realização de seus respectivos circuitos nacionais, trazem para o interior desse território uma lógica empresarial que tanto permitiria a uniformização de regras e a constituição de campeonatos nacionais quanto possibilitaria a projeção do rodeio em escala nacional.

Quanto às revistas especializadas, a Rodeio News¹, a Rodeo Life² e, a Rodeio Country³, suas publicações trouxeram uma maior e melhor sistematização de regras, a formalização do sistema de pontuação, e a uniformização do formato das competições. Concomitante a esse objetivo, o de trazer maior racionalidade organizacional ao rodeio, também serviam como instrumento de ação para atingir um público urbano que não mantinha qualquer vínculo ou relação com o mundo rural ou pecuário do BCP. Mesmo porque, embora suas editoras fossem paulistas (São José do Rio Preto e São Paulo) a distribuição das revistas ocorria nos principais centros do BCP como, as capitais dos estados do Rio de Janeiro, de São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná.

Embora extintos em 1994, a experiência proporcionada pela realização dos circuitos nacionais de rodeio bem como a rede de eventos construída criaram certa base e elementos organizacionais que puderam ser apropriados e acionados pelos representantes dos principais clubes de rodeio do Brasil. Assim, em 1995 é criada a Federação Nacional do Rodeio (FNR) que, em 1996, foi transformada em Federação Nacional de Rodeio Completo (FNRC). Articulada à Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Quarto de Milha (ABQM) e à Associação dos Proprietários de Touros de Rodeio (Protouro), os clubes paulistas de rodeio de Americana, Barretos, Jaguariúna e Presidente Prudente passaram a realizar seu próprio campeonato seguindo as trilhas deixadas pelos circuitos anteriores.

Embora fundada formalmente em 2000, é possível identificar certa tendência ao monopólio exercido por essas entidades de classe. Isso

¹ A primeira publicação da Rodeio News é de 1992. Publicada mensalmente foi produzida pela Editora Enigma de São José do Rio Preto/SP. Possuía como representante o Escriptório Central, parte das Organizações Globo e responsável pela organização e realização do Circuito espora de Ouro.

² Seguimento especial da Rodeio News, com publicação em eventos especiais como a festa do peão de Barretos/SP.

³ A primeira publicação da Rodeo Country é de 1997, produzida pela Editora Artprinter de São Paulo. Seu diretor-presidente e diretores executivos são, respectivamente, Roberto Vidal, Leonardo A. Vidal e Roberta A. Vidal. Em 2001, logo após a regulamentação da profissão de peão de rodeio, o sr. Roberto Vidal foi o responsável pela criação da Confederação Nacional de Rodeio (CNAR), onde permanece até o momento de conclusão desta pesquisa.

porque, a Protouro já atuava em sintonia e complementaridade com a FNRC desde seu primeiro campeonato em 1996 uma vez que os eventos promovidos ou sancionados pela federação deveriam contar com, no mínimo, 80 por cento de animais provenientes de tropeiros filiados à entidade. Ademais, diferentemente dos campeonatos anteriores que contavam apenas com a Montaria em Touros e o Cutiano, esses passariam a contar com oito modalidades de competições (Laço em Bezerro, Laço em Dupla, *Bulldoging*, Três Tambores, Cutiano, *Bareback*, Sela Americana e Montaria em Touro), fato que demonstra a articulação e a hegemonia exercida pelos principais grupos de poder nesse território: a FNRC, a ABQM, e a Protouro.

Por sua vez, essa hegemonia foi contestada em 1999 por meio da formação da Confederação Nacional de Rodeio (CNR). Composta por peões de rodeio, clubes de rodeio de menor projeção nacional, e demais profissionais do rodeio, a CNR buscava atuar no sentido de enfrentar o monopólio exercido pela FNRC e demais entidades de classe no interior do território do rodeio. Para tanto, incentivou greves de peões com vistas a questionar valores de premiações e de contratos estabelecidos entre os profissionais do rodeio e as principais diretorias de rodeio. Todavia, ao que parece, a ausência de maior experiência organizacional e combativa bem como de consciência de classe inviabilizou o projeto idealizado pelo então presidente da entidade, o locutor Asa Branca.

Dessa maneira e, em função desse novo arranjo de forças no interior do território do rodeio um novo conjunto de elementos simbólicos foi lentamente e fortemente elaborado. O rodeio caminhava para sua estandarização, uniformização, e consequente definitiva mercadorização. O peão de boiadas ou fazendas que deram origem ao peão de rodeio tornava-se um trabalhador especializado. Vendedor de sua força de trabalho, não mais pelo simples prazer de demonstrar sua destreza, mas, de buscar a sobrevivência material e acumular premiações. Agora, as modalidades definiriam as representações sociais do peão enquanto *cowboy* de touros, cutiano, *bareback*, sela americana, ou competidor de provas funcionais. Em outros termos, o peão de rodeio modernizava-se e passava a dialogar com a

cidade, com o urbano, com o campo, e com a vitória do modelo capitalista e estadunidense de produção⁴.

O resultado desse processo foi a substituição definitiva de regras e formatos locais de competições por um conjunto normativo pactuado e inspirado conforme os campeonatos e entidades de rodeio dos EUA. Com isso o rodeio, antes um fenômeno local, regional, ou nacional, poderia ser internacionalizado. Isso porque, ao ter suas competições padronizadas, senão idênticas, ao menos análogas às aquelas existentes nos EUA, esse novo formato do rodeio proporcionaria estabilidade e segurança aos diferentes sujeitos sociais operarem em uma nova fase e escala do território do rodeio.

A quarta e última fase, por nós analisada⁵, permite identificarmos tanto a intensa heterogeneidade de sujeitos sociais presentes e agindo no território quanto a densidade técnica incorporada ao território. Quanto ao primeiro aspecto, a heterogeneidade de sujeitos sociais, importante evidenciar que a regulamentação da profissão de peão de rodeio (2001) bem como a instituição de normas técnicas e sanitárias para a realização dos rodeios (2002) proporcionou segurança e plena estabilidade para que empresários e demais direta ou indiretamente ao rodeio viessem a investir financeiramente nessas competições.

Em razão da estandarização alcançada na fase anterior é possível reconhecer clara tendência ao monopólio exercido tanto por empresas especializadas em eventos desse *metier* quanto por diretorias dos principais rodeios do BCP. Nessa fase não somente tropeiros, proprietários de boiadas e tropas, mas, também peões e demais profissionais do rodeio passarão por

⁴ Referimo-nos tanto à crise, colapso, e desintegração da URSS quanto à consolidação do discurso hegemônico de globalização e neoliberalismo sobremaneira reforçado na década de 1990.

⁵ Esclarecemos a ênfase em “por nós analisada” em razão de considerarmos que a partir da entrada da PBR no Brasil em 2005 uma nova fase do rodeio poderá ser identificada. Isso porque, com ela novas práticas e representações sociais serão impostas ao rodeio como, a intensificação da valorização da genética animal, a internacionalização das competições, e a ampliação tanto da luta quanto da organização dos sujeitos sociais ligados ao rodeio em oposição às entidades protetoras dos animais bem como às proibições do rodeio no Brasil. Com isso estamos sugerindo a necessidade de novos estudos que se ocupem, principalmente, desse período aberto com entrada da PBR no Brasil em 2005 com a realização de seu primeiro campeonato nacional em 2006.

profundos distanciamentos entre aqueles que se organizam e gerenciam suas atividades econômicas ou profissionais como empresários e atletas e aqueles que ainda mantêm suas práticas atreladas às fases anteriores.

Em outros termos, é possível reconhecer, a partir de 2006, conforme sugere Braudel (1995), a coexistência e complementaridade de diferentes tempos do território do rodeio: a vida material, expressa nas práticas cotidianas de fazendas e periferias de pequenas cidades com seus “centros de treinamento de peões e animais para o rodeio”; a economia de mercado caracterizada pela circulação de pequenos e médios tropeiros, boiadeiros e demais profissionais do rodeio; e o capitalismo, materializado nas grandes empresas tanto promotoras desses eventos quanto organizadoras de campeonatos nacionais e internacionais detentoras de grande aporte financeiro e poder de decisão no território.

Esses são os casos das principais associações e empresas de entretenimento as quais irão formatar e promover os principais campeonatos nacionais como, o Campeonato Nacional de Rodeio (CNR) e o Campeonato Aberto de Rodeio Brasileiro (CARB), ambos organizados pela Confederação Nacional de Rodeio a partir de 2002; o Circuito Crystal, o Circuito Barretos de Rodeio, e o Campeonato PBR Brasil de Montarias em Touros, iniciados em 2006.

No que tange aos elementos simbólicos difundidos pelo rodeio nessa fase podemos reconhecer que a figura do peão foi suplantada pela do atleta profissional de rodeio. Ao que parece, a representação do peão de boiadas foi deixada pelo rodeio para uso da festa do peão de boiadeiro. Assim, enquanto o rodeio busca sua legitimação enquanto uma prática esportiva, distante do folclore e da cultura popular, a festa mantém o culto e a ritualização do peão de boiadas. Recorrendo ao discurso e à prática do ascetismo, da secularidade, da igualdade de chances, da especialização de papéis, da racionalidade normativa, da burocracia organizacional, da quantificação, e dos recordes, as principais empresas e entidades de classe buscam difundir o rodeio como um esporte moderno ao mesmo tempo em que convertem a representação do peão de rodeio em atleta profissional.

Ademais, também as normas e a identidade subjetiva anterior cedem espaço para elementos (materiais e simbólicos) e modelos internacionais. As normas, as quais possuem a qualidade de colocar “em evidência os sentidos dos símbolos” (SOUZA, 2009, p.111) são definitivamente estandarizadas conforme um conjunto de regras e procedimentos oriundos das competições de rodeio dos EUA. A identidade subjetiva é construída e difundida a partir da imagem e representação do atleta de rodeio, ou melhor, do profissional de rodeio estadunidense.

Por fim, importante frisar que tais mudanças alteraram significativamente tanto a escala geográfica quanto o caráter das relações sociais estabelecidas entre os diferentes sujeitos sociais. Também impôs novo sentido de valor ao rodeio, conforme indica a tabela 7.

Tabela 7 – As Fases e as Dimensões do Território do Rodeio do BCP

Fases	1ª FASE 1950-1970	2ª FASE 1971-1990	3ª FASE 1991-2000	4ª FASE 2001-2010
Dimensões				
Escala Geográfica de Atuação dos Sujeitos Sociais	Local	Local-Regional	Local-Regional-Nacional	Local-Regional-Nacional-Internacional
Caráter das Relações Sociais Estabelecidas Entre os Sujeitos	Lúdico	Lúdico-Laboral	Laboral-Profissional	Profissional-Esporte
Sentidos do Valor no Rodeio	Uso	Uso-Troca	Troca-Mercadoria	Mercadoria

Elaboração: Cesar Gomes da Silva

A partir das informações da tabela 7 podemos observar que em sua primeira fase o território do rodeio possui a escala local, o caráter

lúdico, e o valor de uso como elementos definidores. Nesse momento o rodeio se inscreve como esfera de realização dos sujeitos sociais, preenchendo a partir do trabalho no campo a dimensão lúdica, as ações de trabalho representadas como diversão, como brincadeira, o que efetiva o sujeito em uma completude não econômica, mas simbólica e criativa.

Na fase seguinte é possível reconhecer a movimentação escalar do rodeio bem como a gradativa mudança nos sentidos do valor e no caráter das relações sociais estabelecidas no rodeio. Quanto ao primeiro aspecto, a escala geográfica, podemos sugerir que foram os tropeiros, os proprietários de companhia de rodeio, os peões e os demais profissionais ligados diretamente ao rodeio que lograram deslocar a escala geográfica para o nível regional. Ao que tudo indica, esse deslocamento está intimamente ligado ao aumento numérico desse tipo de evento entre 1971 e 1990 (tabela 6).

Acompanhando o deslocamento escalar o caráter das relações sociais também será alterado. Embora ainda mantenha estreita relação com a festa do peão de boiadeiro, gradativamente o rodeio incorporará o sentido de trabalho, de labor. Juntamente a essa transformação o rodeio também tenderá a substituir o valor de uso pelo valor de troca de seu espaço. Isso porque é visível que a partir da segunda fase a partir da segunda fase tem início os processos mercantis e a circulação desses eventos como mercadorias.

Já, na terceira fase é possível reconhecer o acionamento e a articulação da escala nacional. Visível a partir dos primeiros anos de 1990 em razão da entrada das Organizações Globo quanto o Grupo Bloch nesse território. Conforme apontado anteriormente, esses agentes econômicos apropriaram-se dessas competições e as converteram em campeonatos nacionais de rodeio. Em seguida, a formação da FNRC consolida a escala nacional permitindo que os principais sujeitos sociais e agentes econômicos atuem e circulem nas esferas diferentes escalas geográficas: a local, a regional, e a nacional.

Durante esse período também é consolidado o caráter laboral e mercadológico dessas competições. Convertido em mercadoria ou produto vendável os rodeios distanciam-se do caráter lúdico e do valor de uso do

território. Consolidou-se, como já mencionado, o valor de troca e o caráter de relações de trabalho entre os diferentes sujeitos sociais. Agora não somente o peão, mas, todo um conjunto multifacetado de sujeitos sociais passará a comercializar tanto seus produtos e mercadorias quanto a vender sua força de trabalho.

Por fim, na quarta fase é possível reconhecer a consolidação ou aprofundamento de processos que já se encontravam em curso nas fases anteriores. O primeiro é o acionamento e a articulação da escala internacional desses eventos. Isso porque, conforme analisado em momento anterior, a regulamentação da profissão de peão de rodeio e sua equiparação à atleta profissional ao criar plenas condições para a estandarização das competições e modalidades também contribuiu para a intensificação do intercâmbio de profissionais, ideias, capitais e empresas ligadas diretamente ao rodeio em nível internacional.

No que diz respeito ao caráter das relações sociais e aos sentidos de valor do rodeio podemos afirmar que no primeiro caso consolida-se a lógica e o caráter profissional e esportivo das modalidades. A partir de então, o peão de rodeio terá sua relação de trabalho pautada em legislação e normas trabalhistas que regulamentam a profissão de atleta profissional. Quanto ao sentido do valor esse processo ganha dimensão da efetiva circulação de mercadorias e lucro. Em outros termos, do seu sentido, escala, e caracteres das relações sociais originais, no rodeio moderno todas foram superadas. Em seus lugares, novas e adequadas dimensões e relações sociais foram elaboradas e incorporadas ao rodeio.

Acreditamos que ao concluirmos este trabalho tenhamos atingido satisfatoriamente os objetivos pretendidos pela pesquisa. A partir do objetivo geral ao qual nos propomos (proceder à elaboração de uma geografia histórica do rodeio) procuramos identificar e compreender as relações existentes entre o território do rodeio nos EUA e o território do rodeio do BCP. Em outros termos, nosso intento Mais precisamente nosso intento foi identificar a diacronia e a sincronia dos eventos que demarcam as fases e o tempo de cada território (SANTOS, 1999).

Em nossa busca por esclarecimentos pudemos reconhecer a existência não apenas de tempos e temporalidades distintas entre esses dois territórios. Mas, a concretização do desenvolvimento geográfico e desigual proporcionado, ao que parece, pela dinâmica própria de cada território, resultado esse da atuação de diferentes sujeitos sociais e possuidores de distintos objetivos no processo de constituição e transformações dos territórios em questão.

A partir do aprofundamento das leituras e reflexões sobre o tema foi possível identificar que a constituição do território do rodeio nos EUA seguiu tanto uma lógica quanto um tempo distintos daquele trilhado pelo BCP. Dessa maneira, torna-se possível reconhecer, tal como propõe Santos (1999) as diferencialidades do espaço e dos territórios. Fato que se apoia amplamente em temporalidades específicas, tanto demarcadas pelos sentidos quanto pelas formas de apropriação do território.

Ainda com relação ao objetivo geral dessa pesquisa consideramos a possibilidade de uma análise comparativa entre os territórios. Tal comparação evidenciaria a idade de cada um dos territórios. Não no sentido cronológico, mas, no sentido das técnicas (SANTOS, 1999). Nesse caso, poderíamos trabalhar com a perspectiva de que o rodeio dos EUA já encontrava-se “maduro” quando no Brasil suas primeiras formas de organização foram delineadas (1950).

Quanto aos objetivos específicos, os quais nortearam nossa caminhada, acreditamos também tê-los alcançado. Mesmo porque, uma de nossas questões a serem respondidas assentava-se na identificação e compreensão do papel da racionalidade organizativa e operacional na constituição do território do rodeio nos EUA.

Nesse caso, pudemos entender que, diferentemente do Brasil, a lógica racional, empresarial e de mercado adentrou todas as esperas da vida social desde o processo de constituição da nação, inclusive direcionando as transformações pelas quais o território do rodeio passaria ao longo de sua existência.

Aprofundando um pouco mais na questão da historicidade dos territórios afirmamos, sem receio de incorrer em erro, que o recorte temporal adotado por nós para compreender as mudanças processadas no território do rodeio do BCP pode ser dividido e interpretado em quatro fases: a primeira entre 1950 e 1970; a segunda entre 1971 e 1990; uma terceira entre 1991 e 2000; e a quarta entre 2001 e 2006.

A divisão em tempos levou em consideração, conforme ensina Santos (1999), os eventos ocorridos no território. No primeiro período é possível identificar que a festa do peão de Barretos dá início ao território propriamente dito. A segunda fase é iniciada com a atuação de diferentes agentes econômicos e sujeitos sociais na constituição de um processo normativo. A fase seguinte tem seu começo na constituição dos primeiros circuitos de rodeio coordenados e promovidos pelas Organizações Globo e Grupo Bloch. Por fim, a última fase de nosso recorte temporal se estabelece com a regulamentação da profissão de peão de rodeio.

Com vistas a desvendar as transformações operadas no território do rodeio do BCP pautamos nossas análises na compreensão do território enquanto fenômeno em sua processualidade, em seu movimento (RAFFESTIN, 1993; SOUZA, 2011). Com isso, acreditamos ter correspondido aos objetivos da pesquisa que tinham essas questões como norteadoras de nossas reflexões.

Por fim, ainda que de maneira breve, procuramos localizar no corpo do peão e do animal as marcas do território. Considerando o corpo não como algo fechado, mas, como uma entidade aberta e porosa à dinâmica sócioespacial tentamos demonstrar em que medida o poder investido sobre os mesmos os tornam produtivos e adequados à concretização dos objetivos dos diferentes sujeitos sociais que exercem a hegemonia no território.

Acreditamos que o relevante no presente trabalho reside no fato de termos procurado, de maneira inovadora, compreender um fenômeno atual, de significativa proeminência no conjunto de atividades econômicas e de lazer no BCP. Inovadora, pois tomou o rodeio e a festa enquanto eventos e

buscou compreendê-los pela perspectiva relacional do território (RAFFESTIN, 1993, SOUZA, 2011).

Compreendemos que a nossa principal contribuição tanto à história quanto à geografia do rodeio no BCP está em oferecer uma nova leitura de fatos e processos que conformam a emergência e as transformações do território do rodeio. Uma segunda contribuição de nossa parte pode ser encontrada na proposta de seccionar, a partir de eventos significativos para a história do rodeio, o processo de desenvolvimento desse território. Uma terceira contribuição reside na proposta de abordar tanto a festa do peão de boiadeiro quanto o rodeio enquanto territórios específicos. Com isso, sugerimos que seja prescindível, nas pesquisas científicas que possuem esses eventos como tema, analisar festa do peão de boiadeiro juntamente como o rodeio. Uma quarta e última contribuição coloca a questão escalar como possibilidade de análise tanto do lugar quanto da posição do lugar nas diferentes escalas geográficas.

Por fim, destacamos como nunca é demais frisar, que nossa pretensão não é esgotar, neste trabalho, possíveis abordagens sobre o tema em questão, pois, certamente nossas reflexões deixaram de responder muitas indagações que emergiram ao longo da pesquisa e redação deste trabalho. Todavia, em razão de ser este um tema amplo, diversificado e com múltiplas possibilidades de abordagem, reiteramos a necessidade de novos trabalhos que tomem o rodeio e seu território como temas. É nesse sentido que reafirmamos nossa proposta inicial: a de contribuirmos, mesmo que minimamente, para o entendimento do rodeio do BCP.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Diores S. Comunicações entre o sul de Mato Grosso e o sudoeste de São Paulo. O comércio de gado. **Revista de História**, São Paulo, n. 105, 1976, p. 191-214.

ABREU, João C. de. **Capítulos de história colonial: 1500-1800 & os caminhos antigos do povoamento do Brasil**. Brasília: Editora UNB, 1982.

ALEM, João Marcos. Caipira e country: a nova ruralidade brasileira. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Sociologia, 1996. (Tese de doutorado em Sociologia).

_____. Rodeios: a fabricação de uma identidade caipira-sertanejo-country no Brasil. In: **Revista USP**. São Paulo: n. 64, dezembro/fevereiro (2004-2005), p. 94-121.

ALEXANDRINO, Fabrício. Touradas no Rio de Janeiro. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, Ed. n. 14, 01 nov. 2006. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/por-dentro-do-documento/touradas-no-rio-de-janeiro>. Acesso em: 10 julho de 2013.

ALLEN, Michael. **Rodeo cowboys in the north american imagination**. Reno: University of Nevada Press, 1998.

ALMEIDA, Aluísio de. **Vida e morte do tropeiro**. São Paulo: Martins Editora/Edusp, 1981.

AMARAL, Rita de Cássia. Festa à Brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”. São Paulo: Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1998. (Tese de Doutorado em antropologia).

ANDRADE, Manuel C. de. **A questão do território no Brasil**. São Paulo-Recife: Hucitec/IPESP, 1995.

_____. **A terra e o homem do nordeste.** São Paulo: Brasiliense, 1973.

ALONSO, Gustavo. **Cowboys do asfalto:** música sertaneja e modernização brasileira. 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

ARAÚJO, Célia R. A. Perfil dos operários do Frigorífico Anglo de Barretos. Campinas: Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, 2002. (Dissertação de Mestrado em História Social).

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência.** Rio de Janeiro: Relume-Damará, 1994.

_____. **Da revolução.** São Paulo: Ática/Brasiliense, 1988.

AVILA, Arthur Lima de. E da fronteira veio um pioneiro...: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932). Porto Alegre: Departamento de História/UFRS, 2006. (Dissertação de Mestrado).

BACELAR, Carlos de Almeida Prado. O apogeu do café na Alta Mogiana. In: BACELLAR, Carlos de Almeida Prado; BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhangüera.** Uma visão regional da História paulista. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP, 1999.

BADIE, Bertrand. **O fim dos territórios.** Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena.** Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

_____. **O contorno:** poder e modernidade. Rio d Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. Educação do corpo: produção e reprodução Goiânia: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiânia, 2007. (Tese de Doutorado em Educação).

BARBOSA, Eriosvaldo Lima. **Valeu Boi!** O negócio da Vaquejada. Teresina: EDUSPI, 2006.

BARREIRO, José Carlos. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX:** cultura e cotidiano, tradição e resistência. São Paulo: Unesp, 2002.

_____. E.P. Thompson e a historiografia brasileira: revisões críticas e projeções. **Projeto História**. São Paulo, v. 12, 1993.

BASTOS, Ronaldo Marcos. O velódromo e o circo das touradas. In: http://www.camera2.com.br/colunista_ler.php?id=313&colunista_id=19 Acesso em 25 de março de 2012.

BATAILLE, Georges. **Theorie de la religion**. Paris: Gallimard, 1973.

BEAUVOIR, S. de. **A Força da Idade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENITES, Miguel G. **Brasil Central Pecuário:** interesses e conflitos. Presidente Prudente: Unesp/FCT, 2000.

BERNARDES, Carmo. O gado e a largueza das Gerais. **Estudos Avançados**. IEA/USP, v.9, n.23, jan./abr. 1995, p.44-45.

BESANKO, David; DRANOVE, David; SHANLEY, Mark & SCHAEFER, Scott. **A economia da estratégia**. São Paulo: Bookman, 2006.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa: Europa América, 1941.

BOLT, Christine; LEE, Robert. A Nova Inglaterra na Nova Nação. In: BRADBURY, Malcolm; TEMPERLEY, Howard. **Introdução aos estudos americanos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1981.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BOLTON, Herbert Eugene. **The Spanish borderlands:** A chronicle of the Old Southwest and Florida. Albuquerque: University of New Mexico, 1996.

_____. The epic of a greater America. **American Historical Review**. n.35, vol.3, 1932, p.448-474.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org). **Pierre Bourdieu**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. O mercado dos bens simbólicos. In: MICELI, Sérgio (Org.). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOZZANO, Horacio. **Territorios reales, territorios pensados, territorios posibles**: aportes para uma teoria territorial Del ambiente. Buenos Aires: Espacio, 2000.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução 3.ed. Ijuí: Unijuí, 2005 (Coleção educação física).

_____. Esporte, história e cultura. In: PRONI, Marcelo W.; LUCENA, Ricardo de F.(Orgs.). **Esporte**: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

BRANDÃO, Carlos R. **a cultura na rua**. Campinas: Papirus, 1989.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo, séculos XII-XVIII**: I. As estruturas do cotidiano. II. Os jogos da troca. III. O tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 3v.

BRIOSCHI, Lucila Reis. **Entrantes o sertão do Rio Pardo**: o povoamento da freguesia de Batatais, séculos XVIII e XIX. São Paulo: CERU, 1991.

BRIOSCHI, Lucila Reis. Fazendas de criar. In: BACELLAR, Carlos de Almeida Prado; BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhangüera**. Uma visão regional da História paulista. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP, 1999.

BROHM, Jeen-Marie. **Sociologia política del deporte**. Ciudad del México: Fondo de Cultura Econômica, 1976.

BROWN, Dee. **O faroeste**. Rio de Janeiro: Record, 1977.

CAILLOIS, Roger. **L'homme et lê sacré**. Paris: Gallimard, 1950.

CALDEIRA, Jorge. **Ronaldo: glória e drama no futebol globalizado**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.

CALDEIRA, Tereza Pires. **A política dos outros**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 11^a ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CANO, Wilson. **Ensaio sobre a formação econômica regional do Brasil**. Campinas: Unicamp, 2002.

CARLOS, Ana F. A. A geografia brasileira, hoje: algumas reflexões. **Terra Livre**. São Paulo: ano 18, vol. 1, n.18, p.161-178, jan/jun 2002.

CARVALHO FRANCO, Maria S. **Homens livres na ordem escravocrata**. 3. ed. São Paulo: Kairós, 1983.

CASCUDO, Luís C. **A vaquejada nordestina e sua origem**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1969.

_____. **Vaqueiros e Cantadores**. Porto Alegre: Globo, 1939.

CASTRO, Iná E. **O mito da necessidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

_____. **Estudo e região**: considerações sobre o regionalismo. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986.

CHIACHIRI FILHO, J. **Do Sertão do Rio Pardo à Vila Franca do Imperador**. Ribeirão Preto: Ribeira, 1986.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 2. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Florianópolis, 2001.

_____. **Espaço e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

COCHRAN, Thomas C. A industrialização. In: WOODWARD, C. Vann (Org.). **Ensaio comparativo sobre a história americana**. Tradução: Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1972.

COELHO, Teixeira. Culturas híbridas. In: _____. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Fapesp, Iluminuras, 1997.

COHN, Gabriel. **Sociologia da Comunicação**: Teoria e Ideologia. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE RODEIO. **Circuito nacional de rodeio**. Disponível em: <[http://www.cnar.org.br/circuito nacional de rodeio/](http://www.cnar.org.br/circuito_nacional_de_rodeio/)>. Acesso em: 10 jul. 2005, 09:30.

_____. **Campeonato aberto de rodeio brasileiro**. Disponível em: <[http://www.cnar.org.br/campeonato aberto de rodeio brasileiro/](http://www.cnar.org.br/campeonato_aberto_de_rodeio_brasileiro/)>. Acesso em: 10 jul. 2005, 10:00.

CORRÊA, Roberto L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná E; GOMES, Paulo C. C.; CORRÊA, Roberto L. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

COSTA, Rogério H. da. Prólogo. In _____. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

COSTA, Rogério Haesbaert da. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

COSTA, Simone Pereira da. Estrada da vida: a organização do mundo dos rodeios no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ, 2003. (Tese Doutorado em Ciências Sociais).

COURTINE, Jean Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo. In: SANT’ANNA, D. B. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

COUTINHO, L. G.; FERRAZ, J. C. Apresentação: In: _____. **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. Brasília: IE/UNICAMP-IEI/UFRJ-FCD-FUNCEX, 1993. (Relatório Final).

CRISTAN, Mara Lúcia. O papel do trabalho na transformação do homem em macaco: estudo sobre a disciplina do trabalho do jogador profissional do Sertãozinho F.C.. Campinas: Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1992. (Dissertação de Mestrado em Educação Física)

DA MATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. **O que faz o brasil, Brasil?** 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAOU, Ana M. Tipos e aspectos do Brasil: imagens e imagem do Brasil. In: ROSENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

DE PAULA, Silvana Gonçalves de. Migração e ambivalência no cenário *country*. In: COSTA, Luiz Flávio Carvalho; BRUNO, Regina; MOREIRA, Renato José (Org.). **Mundo rural e tempo presente**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

_____. Quando o campo se torna uma experiência urbana: o caso do estilo de vida *country* no Brasil. In: **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. n. 17, out/2001, p. 33-53.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEL PRYORE. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DEMATTEIS, Giuseppe. O território: uma oportunidade para repensar a Geografia. In: SAQUET, Marcos A. **Abordagens e concepções sobre o território**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007. (p.7-11)

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O que é Realidade**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DUMÉZIL, Georges. **Fêtes es d'été et d'autome suivi de Dix questions romaines**. Paris: Gallimard, 1975.

DURKHÉIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1983.

ELIADE, Mircea. **El mito del eterno retorno**. Madrid: Alianza Editorial, 1972.

_____. **O sagrado e o profano**. A essência das religiões. Lisboa: Edições Livros do Brasil, 1962.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

ELIAS, Norbert; Eric DUNNING. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

_____. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FAISSOL, Speridião. O problema do desenvolvimento agrícola do sudeste do Planalto Central do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, ano 19, n. 1, p. 3-66, 1957.

FEBVRE, Lucien. O homem do século XVI. **Revista de história**. vol.1, 1950, p.03-17.

FENELON, Déa Ribeiro. Trabalho, cultura, história social. **Revista Projeto História**. São Paulo: Educ, n.4, jun/1984.

FERNANDES, Bernardo M. **MST: formação e territorialização**. São Paulo: Hucitec, 1996.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramalhete. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

FREDRIKSSON, Kristine. **American rodeo: from Buffalo Bill to big business**. Second Printing. Texas: University Press, College Station, 1993.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. 5. ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 25.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1995.

GALLIANO, A. Guilherme. **Introdução à Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Harbra, 1986.

GARCÍA, Angel Muñoz. La moral del Avendaño respecto a los “indios toreros”. 2006. Disponível em: http://www.serbi.luz.edu.ve/pdf/rf/n49/art_04.pdf. Acesso em 20/08/2009 às 14:30.

GEBARA, Ademir. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, Marcelo W.; LUCENA, Ricardo F. **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002. (Coleção educação física e esportes).

GINSBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Schwarcz, 1989.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Unesp/Paz e Terra, 1990.

GOETTERT, Jones Dari. **O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha de quem partiu e de quem ficou**. Dourados, UFGD, 2008.

GOLIN, Tau. **Identities**. Questões sobre as representações socioculturais no gauchismo. Passo Fundo: Méritos, 2004.

_____. **A fronteira**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

_____. **A ideologia do gauchismo**, Porto Alegre, Ed. Tchê, 1983.

GOMES, Paulo C. da C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo. C. C.; CORRÊA, Roberto. L. (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

GONÇALVES, Andréa Firmino. A festa do peão boiadeiro de Barretos/SP como encontro de culturas. Curitiba: Departamento de Geografia/UFPR, 2013. (Dissertação de Mestrado em Geografia).

GOULART, José A. **Tropas e tropeiros na formação do Brasil**. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

GRIFFI, Giampiero. **História da Educação Física e do Esporte**. Porto Alegre: Luzzato, 1989.

GUEDES, Claudia Maria. Corpo: tradição, valores, possibilidades do desvelar. Campinas: Faculdade de Educação Física, Unicamp, 1995. (Dissertação de Mestrado em Educação Física).

GUIMARÃES, Alberto P. **Quatro séculos de latifúndio**. 6. ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro: 1989.

GUIMARÃES, Dulce M. P. A celebração da modernidade: A Feira e a Festa nas Exposições Agropecuárias do Nordeste Paulista. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1996. (Tese de Doutorado em História).

GUIMARÃES, Raul B. Atores políticos, representação social e produção da escala geográfica. In: MELO, Jayro Gonçalves (org). **Espiral do espaço**. Presidente Prudente: GASPERR, 2003.

GUINZBURG. Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GUSDORF, Georges. A interdisciplinaridade. In: **Revista de Ciências Humanas**. V. I, n. 2, jul/set. Rio de Janeiro: 1977.

GUTTMANN, Allen. **From Ritual to Record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University Press, 1978. Columbia University Press, 1978.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Dês-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EdUFF, 1997.

HALL, Michael M. História oral: os riscos da inocência. In: **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. Departamento do Patrimônio Histórico. São Paulo: DPH, 1992.

HARDMAN, Francisco F. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1991.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. 2.edição. São Paulo: Loyola, 2006a.

_____. **A produção capitalista do espaço**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006b.

_____. **O novo imperialismo**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HOBSBAWM, Eric. A invenção das tradições. IN: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **A Era dos Impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLANDA, Sérgio B. de. **Caminhos e fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

IANNI, Octavio. **Imperialismo e cultura**. Petrópolis: Vozes, 1976.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JESUS, Gilmar Mascarenhas. À Geografia dos Esportes: uma introdução. **Scripta Nova: Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais**. Universidad de Barcelona, n.35, 01 de marzo de 1999, p.32-54.

_____. A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia, Programa de pós-graduação em Geografia Humana, 2001. (Tese de doutorado em Geografia).

JORDAN, Terry G.. Early Northeast Texas and the evolution of Western ranching. **Annals of the Association of American Geographers**, V. 67, n.1, Mar., 1977.

KARNAL, Leandro (at al.). **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.

KHOURY, Yara Maria Aun; PEIXOTO, Maria do Rosário da cunha; VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **A pesquisa em história**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995. 80 p. (Princípios, 159).

KNOBLAUCH, Kelly von. A Estruturação Sócio-Espacial do Sistema Tropeiro: o caso do caminho das tropas entre Palmas e União da Vitória (PR). Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin L. **Administração de Marketing**: análise, planejamento, implementação e controle. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

KOTLER e ARMSTRONG. **Princípios de Marketing**. 9. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall. 2004.

KÜNSCH, Dimas A. **A minha missão é montar**: história de vida do peão de rodeio Adriano Moraes. São Paulo: Editora Canção Nova, 2007.

LAKATOS, Eva M; MARCONI, Marina de A. **Sociologia Geral**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LASCH, Watson Christopher. **A cultura do narcisismo**. São Paulo: Imago, 1983.

LAWRENCE, Elizabeth Atwood. **Rodeo: as antropologist looks at the wild and the tame**. Chicago: Universidade Chicago Press, 1984.

LeCOMTE, Mary Lou. The hispanic influence on the history of rodeo, 1823-1922. **Journal of Sport History**, vol. 12, n.1, 1985.

_____. **Cowgirls of the rodeo**: pioneer professional athletes. Illinois: University of Illinois Press, 1993.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LENHARO, Alcir. **As tropas da moderação**: o abastecimento da Corte da formação política do Brasil (1808-1842). 2.ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993.

LESSA, Barbosa. **Gaúcho, o campeiro do Brasil**. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2006.

LEWIS, W. David. O reformador como conservador: a contra-subversão protestante na república primitiva. In: COBEN, Stanley; RATNER, Lorman. **O**

desenvolvimento da cultura norte-americana. Rio de Janeiro: Editora Anima, 1985.

LÓPEZ CANTOS, Ángel. **Juegos, Fiestas y diversiones en la América Española.** Madrid: Mapfre, 1992.

MACIEL, Maria E. de S. "Marcas". In. GONZAGA, Sérgio; FISCHER, Luiz A.; BISSÓN, Carlos A. **Nós, os gaúchos 2.** Porto Alegre: EDUFRGS, 1994.

MADEIRA FILHO, Magno de Lara. A Festa de Peão de Boiadeiro: espaço-mercadoria, indústria cultural e consumo. Rio Claro: Instituto de Geociências e Ciências Exatas/Unesp, 2011 (Dissertação de Mestrado em Geografia).

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo na sociedade de massas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MAGNANI, J. G. C. Antropologia e Educação Física. In: CARVALHO, Y. M.; RÚBIO, K. **Educação Física e ciências humanas.** São Paulo: Hucitec, 2001.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares: proposição sobre festas brasileiras. IN: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

MAIA, Doralice Sátyro. Tempos lentos na cidade: permanências e transformações dos costumes rurais em João Pessoa. São Paulo: Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2000 (Tese de Doutorado em Geografia Humana).

MAMIGONIAN, A. Notas sobre os frigoríficos do Brasil central pecuário. In: **Boletim Paulista de Geografia.** São Paulo, n.51, jun, 1976, p.10-14.

MANDELL, Richard. **Historia cultural del deporte.** Barcelona: Edicions Bellaterra, 2006.

MANKIW, N. G. **Introdução à Economia:** Princípios de Micro e de Macroeconomia. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

MANTECÓN, María del Carmen Vásquez. Orígenes y devenir de los juegos con caballos y toros em el México campirano: la diversión del coleadero. In: **Históricas**. México, Boletín del Instituto de Investigaciones Históricas, n. 83, 2008, p.2-13. Disponível em: <http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/revistas/boletin/pdf/bol83/bol8301.pdf> Acesso em 12/07/2015.

MARCHI JR, Wanderley. “Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000). Campinas: Faculdade de Educação Física/Unicamp, 2001 (Tese de Doutorado em Educação Física).

_____. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In: PRONI, Marcelo W.; LUCENA, Ricardo F. **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002. (Coleção educação física e esportes).

MARKOVITS, Andrei S.; HELLERMAN, Steven L. **Offside: soccer and american exceptionalism**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001.

MARTINS, José de S. **O poder do atraso: Ensaios de Sociologia da História Lenta**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. Espetáculo e participação: festas barrocas nos “30 pueblos e las misiones”. In: <https://www.upo.es/depa/webdhuma/areas/arte/3cb/documentos/096f.pdf>. Acesso em 13/07/2015.

MARTINS, Roberto D. A construção do espaço na fronteira Brasil-Uruguay: a construção da cidade de Jaguarão. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya. Escola Técnica Superior D’Arquitectura. Departament de Composició Arquitectònica, 2001. (Tese Doutorado em Arquitetura).

MARX. Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1983. (vol. I).

_____. **O 18 Brumário e cartas a Kugelman**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUNESP, 1974.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henry. Essai sur la nature et la fonction du sacrifice. In: MAUSS, Marcel. **Oeuvres**. Paris: Editions de Minuit, 1968.

MEIHY, José C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MELLO E SOUZA, Laura de. **Os desclassificados do ouro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

MELO, Jayro G. **Cotidiano e verdade: ser livre é saber demolir mitos**. São Paulo: Giz Editorial, 2013.

MELO, Victor Andrade. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade (ORG.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Edunesp, 2009.

_____. **História da Educação Física e do Esporte no Brasil**. São Paulo: Ibrasa, 2004.

MENASCHE, Renata. Gauchismo: tradição inventada. **Estudos Sociedade e Agricultura**. 1, novembro de 1993, p.22-30.

MILITÃO, Maria de Lourdes Nunes. Ser peão, tornar cowboy: um estudo antropológico acerca da construção de identidade na festa do peão de boiadeiro. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

MILLIET, Sergio. **Roteiro do café e outros ensaios**. São Paulo/Brasília: Hucitec/INL, 1982.

MILLS, Charles Wright. **A nova classe media**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

MÍNGUEZ, Víctor. La cerimônia de jura em la Nueva España: proclamaciones fernandinas en 1747 y 1808. **Varia Historia**. Belo Horizonte, vol. 23, n.38: p.273-292, jul/dez 2007.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MONTES, Maria Lúcia; MEYER, Marlyse. **Redescobrimo o Brasil**: a festa na política. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1985.

MOREIRA, Ruy. A Geografia serve para desvendar máscaras sociais. **Encontros com a civilização brasileira**. Rio de Janeiro: n.16, 1979, (p.143-170).

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org). **Para navegar no século XXI**: tecnologias do imaginário e cibercultura. 2.ed. Porto Alegre: Sulina; EdIPUC/RS, 2000.

MORSE, Richard M. **Formação histórica de São Paulo**. São Paulo: Difel, 1970.

MOSES, Lester G. **Wild West Shows and the images of american indians, 1883-1933**. Albuquerque: Universty of New Mexico Press, 1996.

NEPOMUCENO, Rosa. **Música caipira**: da roça ao rodeio. São Paulo: Editora 34, 1999.

NEVES, D. P. O desenvolvimento de uma outra agricultura: o papel dos mediadores sociais. In. Damasceno, A. D. & Brandenburg, A. (org). **Para pensar uma outra agricultura**. Curitiba: Editora UFPR, 1998.

NOGUEIRA, Néia. **Festa do peão de boiadeiro**: onde o Brasil se encontra. São Paulo: Ícone, 1989.

NORA, P. Apresentação. In: CHAUNU, P. **Ensaio de ego-história**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa: ed. 70, 1987.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1997.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

OLIVEIRA, Lélío Luiz de. As transformações da riqueza em Franca no século XIX. Franca: Faculdade de História, Direito e Serviço Social/UNESP, 1995. (Tese de Doutorado em História).

_____. A população do Nordeste Paulista e a chegada da cafeicultura (1890-1920). In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15, 2006, Caxambu. **Anais**. Campinas: ABEP, 2006

OLIVEN, Ruben. Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. 6 (15), 2001. (p.40-52).

_____. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. A polêmica identidade gaúcha. **Cadernos de Antropologia** n. 4. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, 1992a.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 9. Reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. **Pierre Bourdieu**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

PADOIN, Maria Medianeira. Cultura Rio-Grandense: o gaúcho e a identidade regional. In. **Rio Grande do Sul**: quatro séculos de História. QUEVEDO, Júlio (org.). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

PAIVA, Paiva. **O espírito comum**: comunidade, mídia e globalismo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PALADINO, Fructuoso R. **O espaço Rio-Grandense na Bacia do Prata**. São Paulo: FTD, 1994.

PALHETA DA SILVA, João Márcio. Poder Governo e Território em Carajás. Presidente Prudente: Departamento de Geografia da Faculdade de Ciência e Tecnologia/Unesp, 2004. (Tese de Doutorado em Geografia).

PALOMAR, Cristina. El papel de la charrería como fenómeno cultural en la construcción del Occidente de México. **Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y del Caribe**. N. 76, abril de 2004 (p.83-98).

PARKER, S. A sociologia do lazer. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PERKINS, Willian. **Three Years in California** : William Perkins' Journal of Life at Sonora, 1849 – 1852. University of California, 1964.

PASSERON, Jean-Claude. **O raciocínio sociológico: o espaço não-popperiano do raciocínio natural**. Petrópolis: Vozes, 1994.

PASSOS, Mauro (org.). **A festa na vida**: significado e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEIRANO, Mariza. Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica (Prefácio). In: _____ (Org.). **O dito e o feito**: Ensaaios de Antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Damará, Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002. vol. 12 (p.3-11).

PERINELLI NETO, Humberto. A construção da paisagem do sertão no Brasil moderno: investigando e interpretando a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos (1956-1972). Franca: Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Programa de Pós-Graduação em História, 2002. (Dissertação Mestrado em História).

_____. Nos quintais do Brasil: homem, pecuária, complexo cafeeiro e modernidade – Barretos (1854/1931). Franca/UNESP, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2009. (Tese Doutorado em História).

PIMENTA, Thiago F. F.. A constituição de um sub-campo do esporte: o caso do Taekwondo. Curitiba: Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2007. (Dissertação de Mestrado em Sociologia).

PIMENTEL, Sidney Valadares. **O chão é o limite**: a festa do peão de boiadeiro e a domesticação do sertão. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

PORTER, M.E. **Estratégia competitiva**: técnicas para análise de indústrias e da concorrência. Campus: Rio de Janeiro, 1991.

POSSAS, M. L. **Estruturas de Mercado em Oligopólio**. São Paulo: Hucitec, 1985.

PRADO JR. Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**: colônia. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

_____. **História econômica do Brasil**. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PRONI, Marcelo W. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Unicamp/IE, 2000.

_____. Esporte-espetáculo e futebol-empresa. Campinas: Unicamp/Faculdade de Educação Física, 1998. (Tese de Doutorado em Educação Física).

_____. História do esporte: a contribuição de Ricahrd Mandell. In: **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História**. Universidade Estadual de Londrina. Londrina: Anpuh, 2005.

PROJETO HISTÓRIA. **Diálogos com E.P. Thompson**. São Paulo, v. 12, 1995.

QUAINI, Massimo. **Marxismo e Geografia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

RAFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, Hugo de C. **Tropas e boiadas**. Goiânia: UFG, 2001.

RAMOS, Victor Moreno. **El deporte nacional en Aguascalientes y la Villa charra “Profr. J. Refugio Esparza Reyes**. Gobierno del Estado de Aguascalientes, 2004.

RECLUS, Élisée. **O homem e a Terra, A Indústria e o Comércio**. São Paulo: Editora Expressão e Arte, 2011.

RIBEIRO, José Hamilton. **Música caipira: as 270 maiores modas de todos os tempos**. São Paulo: Globo, 2006.

RIBEIRO, Júlio César. A geografia das formas espaciais de reprodução da existência humana ao longo do tempo à luz do materialismo histórico-geográfico. Niterói: Departamento de Geografia do Instituto de Geociências/UFF, 2006. (Tese de Doutorado em Geografia).

RIGAMONTE, Rosane C. Nordestinos contemporâneos entre a metrópole e o sertão. São Paulo: Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1997. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

RIGAUER, Bero. **Sport and work**. New York: Columbia University Press, 1981.

RIO, G. A. P. Organizações empresariais, trajetórias espaciais e racionalidade: espaço e tempo de uma empresa de celulose. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano V, n. 8, p.101-119, jan./jun., 2000.

RIVERA, Octavio. Fiestas por los Austrias en la Ciudad de Mexico, siglo XVI. **Destiempos.com**. México, Distrito Federal, marzo-abril 2008, año 3, n.14 (p.250-261).

RODRIGUES LOPEZ, Emílio Carlos. **Festas públicas, memória e representação**: um estudo sobre manifestações políticas na Corte do Rio de Janeiro, 1808-1822. São Paulo: Humanitas/FFCL/USP, 2004.

ROSENTHAL, M. **O método dialético marxista**. Rio de Janeiro: Vitória, 1951.

ROSSETTI, José P. **Introdução à Economia**. 19ª ed., São Paulo: Atlas, 2000.

SÁ, Celso P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena**: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980). 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SANTOS, Boaventura de S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS. Eloína Prati dos. A riqueza cultural e mitológica do Oeste estadunidense. **Literatura em debate**: literatura e mito. v.2, n.3, 2008. <http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/449>. Acesso em 12 de abril de 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo: razão e emoção. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teórico e metodológico da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **Pensando o espaço do homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. Alguns problemas atuais da contribuição marxista à Geografia. In: SANTOS, Milton (Org.). **Novos rumos da Geografia brasileira**. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Técnica, espaço e tempo:** globalização e meio técnico científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

_____. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Por uma geografia nova.** São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria L. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. São Paulo: Record, 2001.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria A. A. de; SILVEIRA, Maria L. (org). **Território:** globalização e fragmentação. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SAQUET, Marcos A. **Abordagens e concepções sobre o território.** 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SARTRE, Jean Paul. **O ser e nada:** ensaio de ontologia fenomênica. Petrópolis, Vozes, 2007.

_____. **As palavras.** 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SCHOULTZ, Lara. **Estados Unidos.** Poder e submissão: uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Trad. Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2000.

SERRA, Rhodes. **Rodeio:** uma paixão. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

SILVA, Alberto. **A cidade do Salvador:** aspectos seculares. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1957.

SILVA, Álvaro Pequeno da. A festa do peão de boiadeiro de Barretos: manifestação cultural que virou negócio. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000. (Dissertação de mestrado em Administração).

_____. O peão da “festa do peão de boiadeiro”: herói ou vítima em mais do que oito segundos. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais).

SILVA, Cesar Gomes da. As exposições agropecuárias e o poder local em Araçatuba/SP. Presidente Prudente: Departamento de Geografia da Faculdade de Ciência e Tecnologia/Unesp, 2003. (Dissertação de Mestrado em Geografia).

SILVA, Janice Theodoro da. **Descobrimientos e colonização**. São Paulo: Ática, 1987.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do Dinheiro**. João Pessoa: GREM, 2002.

SIMÕES, Maria Carolina de Miranda. Desenvolvimento local na cidade de Cassilândia: a festa do peão de boiadeiro e a construção da identidade e do sentimento de pertença. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2007. (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Local).

SKEWES, Juan Carlos. El rodeo, una metáfora del tiempo viejo. **Revista Austral de Ciencias Sociales**. Valdivia, Chile: Universidad Austral del Chile, n.2, 1998. (p.69-80).

SMITH, Waldemar R. **El Sistema de Fiestas y el Cambio Económico**. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

SOARES, Priscila Gonçalves. Práticas corporais e diversão em Juiz de Fora/MG: o discurso do jornal O Pharol (1876-1915). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. (Dissertação de Mestrado em Educação).

SOJA, Edward. A dialética sócio-espacial. In: **Geografias pós-modernas**. A reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, José Gilberto de. Limites do território. **Agrária**. São Paulo: n. 10/11, 2009, pp. 99-130.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O planejamento e a gestão das cidades em uma perspectiva autonomista. **Território**. n. 8, Rio de Janeiro: Laget/UFRJ, 2000.

_____. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo. C. C.; CORRÊA, Roberto. L. (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. Os orçamentos participativos e sua espacialidade: uma agenda de pesquisa. In: **Terra Livre**. São Paulo: Ano 1, n. 1, 1986 (p.39-58).

STONE, Gregory. P. Relaciones semánticas del deporte en la sociedad de masas(atraves del ejemplo del deporte americano). In: LUSCHEN, G.; WEIS, K. (org.) **Sociologia del deporte**. Barcelona: Miñon, 1979.

STRATTON, W.K. **Chasing the rodeo: on wild rides and big dreams, broken hearts and broken bones, and one man's search for the west**. Orlando: Harcourt, 2006.

TEIXEIRA, Sergio Alves. **Os recados das festas: representações e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1988.

THOMAZ JR, Antonio. Em defesa da teoria no trabalho de campo. In: **Caderno Prudentino de Geografia**. Presidente Prudente, n.13, 1991.

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. 3ª reimpressão. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

_____. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: _____. **Costumes em comum: estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.

_____. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, Vol. I.

_____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **Tradicion, revuelta e consciência de classe:** estudios sobre la crisis de la sociedade preindustrial. Barcelona: Cutia:1979.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** História Oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TINHORÃO, José R. **As festas no Brasil colonial.** São Paulo: Editora 34, 2000.

TONON, Adriana Pedroso. Interações do Vício: prostituição feminina e exposições agropecuárias em Barretos (1945-1960). Franca: Faculdade de História, Direito e Serviço Social/Unesp, 2000. (Dissertação de Mestrado em História).

TOSI, Pedro Geraldo. Capitais no Interior: Franca e a História da indústria coureiro-calçadista (1860-1945). Campinas: Unicamp/Instituto de Economia, 1998. (Tese de Doutorado em Economia).

TRILLO, Mauricio Tenorio; BENDER, Thomas; THELEN, David. Caminhando para a “desestadunização” da história dos Estados Unidos: um diálogo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 27, 2001, (p. 1-21).

TRINDADE, Jaelson B. **Tropeiros.** São Paulo: Editoração Publicações e Comunicação Ltda, 1992.

VANCE, Patricia de S. & ANGELO, Cláudio F. de. Fixação de preços em lojas de conveniência: estudo da influência da concentração varejista. **Revista de Administração da USP**, v. 38, n. 1, p. 25-36, São Paulo, janeiro/março, 2003.

VAUGHAN, Alden T. As origens da cultura norte-americana no século XVII. In: COBEN, Stanley; RATNER, Lorman. **O desenvolvimento da cultura norte-americana.** Rio de Janeiro: Editora Anima, 1985.

VIEIRA, Pedro Cosme da Costa. **Introdução à teoria do consumidor**. Porto: Faculdade de Economia do Porto, 2004.

VINNAI, G. **El futebol como ideología**. 7. ed. Madri: Siglo Veinteuno, 2003.

WALLERSTEIN, Immanuel M. **Capitalismo histórico e civilização capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

WEBER, Max. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1993.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria J. C. de M. **Formação do Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

WESTERMEIER, Clifford P. **Man, Beast, Dust**: the history of rodeo. Lincoln: University of Nebraska Press, 1987.

WOODEN, Wayne S.; EHRINGER, Gavin. **Rodeo in America**: Wranglers, Roughstock, & Paydirt. Lawrence, Kansas: University Press of Kansas, 1996.

ZEMELLA, Mafalda. **O abastecimento das Minas Gerais no século XVIII**, 2^a ed., São Paulo: Hucitec/Edusp, 1990.